



Maria Eduarda Santos Pereira Simonsen

Adolescência e suicídio: uma travessia em ato

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Lídia Levy de Alvarenga

Rio de Janeiro
Março de 2015



Maria Eduarda Santos Pereira Simonsen

Adolescência e suicídio: uma travessia em ato

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora a baixo assinada.

Profa. Lídia Levy de Alvarenga

Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Monah Winograd

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Edson Guimarães Saggese

Instituto de Psiquiatria – UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 06 de março de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Maria Eduarda Santos Pereira Simonsen

Graduou-se em Psicologia, em 2009, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Concluiu sua especialização em Psiquiatria e Psicanálise da Infância e Adolescência, em 2012, pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB). E em 2015 concluiu seu mestrado em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente, atua como psicóloga clínica em consultório particular e na ONG Entre Amigas.

Ficha Catalográfica

Simonsen, Maria Eduarda Santos Pereira

Adolescência e suicídio: uma travessia em ato / Maria Eduarda Santos Pereira Simonsen; orientadora: Lídia Levy de Alvarenga. – 2015.

91 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2015.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Adolescência. 3. Passagem ao ato. 4. Sociedade contemporânea. 5. Desamparo. 6. Suicídio. I. Alvarenga, Lídia Levy de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À minha orientadora Profa. Lídia Levy, pela paciente orientação.

À minha família, em especial ao meu marido Antonio Pedro, por estar sempre ao meu lado.

À Capes, pelo incentivo através da bolsa de estudos, sem a qual essa pesquisa não teria sido possível.

Ao Edson Saggese, pelo incentivo a fazer o Mestrado, pelas supervisões e por me ensinar o gosto de atender adolescentes.

Ao Tempo Freudiano, em especial ao Fernando Tenório, à Flávia Franco e ao Antonio Carlos Rocha, pelo cuidado com a transmissão da psicanálise, pela escuta e acolhimento.

Às minhas amigas e companheiras de trabalho, Maria Thereza, Ana Maria, Mariana e Letícia, por compartilharem todo tipo de sentimento em relação ao trabalho.

À ONG Entre Amigas, pela confiança em todos esses anos.

Resumo

Simonsen, Maria Eduarda Santos Pereira; Alvarenga, Lídia Levy (Orientadora). **Adolescência e suicídio: uma travessia em ato**. Rio de Janeiro, 2015. 91p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A partir da constatação clínica de que muitos jovens estão hoje passando ao ato, a presente pesquisa de Mestrado explora, através da perspectiva psicanalítica, a relação entre a adolescência e a sociedade contemporânea. Partimos de uma análise de nossa sociedade comparando-a com as sociedades tradicionais para, posteriormente, buscarmos compreender como se dá a constituição psíquica na adolescência. Constatou-se que, atualmente, sem os ritos de passagem, muitos adolescentes podem se encontrar desamparados, o que abre caminho para defesas precárias como a passagem ao ato. Os cortes e o suicídio recebem especial destaque na pesquisa. A partir de casos divulgados recentemente pela mídia, onde adolescentes que sofreram *bullying* cometeram suicídio, foi possível articular o cenário social atual e o aumento de sofrimento psíquico entre os jovens que passam ao ato.

Palavras-chave

Adolescência; passagem ao ato; sociedade contemporânea; desamparo e suicídio.

Abstract

Simonsen, Maria Eduarda Santos Pereira; Alvarenga, Lídia Levy (Advisor). **Adolescence and suicide: a journey in act**. Rio de Janeiro, 2015. 91p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

From clinical observation that many young people today are passing to the act, this Master's research examines, through the psychoanalytic perspective, the relationship between adolescence and contemporary society. Starting from the analysis of our society compared to traditional ones, we could understand how is the psychic constitution in adolescence. It was found that, nowadays, without the rites of passage, many young people may feel helpless, paving the way for poor defenses as the passage to the act. Cuts and suicide are given special emphasis in the research. From recent facts reported by the media, where teenagers who suffered bullying committed suicide, it was possible to articulate the current social cenário with the increase of psychological distress among young people passing to the act.

Keywords

Adolescence; passage to the act; contemporary society; helplessness and suicide.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. A SOCIEDADE INDIVIDUALISTA	12
2.1 - A Viena de Freud e a sociedade contemporânea	12
2.2 - Sujeitos soberanos x sujeitos fracassados	14
2.3 - Uma nova normatividade	16
3. SOBRE A ADOLESCÊNCIA	24
3.1 - A adolescência enquanto uma construção social: qual é a senha para tornar-se adulto hoje?	24
3.2 - A entrada na adolescência: uma visão psicanalítica	33
3.3 - A problemática da identificação	36
3.4 - A clínica com adolescentes: a clínica do ato	40
4. A PASSAGEM AO ATO NA ADOLESCÊNCIA	43
4.1 - Sobre o mecanismo da passagem ao ato	43
4.2 - Sobre os cortes	47
4.3 - Sobre o suicídio	49
4.4 - Sobre suicídio e o narcisismo de morte	55
4.5 - Algumas considerações sobre a melancolia	57
5. SOBRE VIOLÊNCIA, ASSÉDIO E <i>BULLYING</i>	65
5.2 - O mecanismo por trás do <i>bullying</i>	74
5.3 - Sobre violência e suicídio	76
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86

Introdução

A sociedade contemporânea é marcada por uma forma de vida muito diferente daquela existente nos séculos XIX e XX, quando Freud desenvolveu a teoria psicanalítica. A vida corrida, o imperativo de felicidade e a necessidade de sucesso a qualquer preço são características marcantes dos últimos anos. Ao mesmo tempo, é comum nos encontrarmos na clínica atual com adolescentes fortemente marcados por experiências violentas.

Muitas vezes nos deparamos com jovens que passam ao ato através de auto e hetero agressões, comportamentos aditivos, anorexias e bulimias. Em casos extremos, nos encontramos com um incremento de suicídios nessa faixa etária. Podemos observar traços melancólicos em tais comportamentos, com uma enorme convocação do corpo e um forte sentimento de desamparo. É verdade que a adolescência implica por si só um momento traumático, na medida em que há um excesso de carga pulsional com a saída do período da latência e entrada na fase genital, além do remanejamento identificatório. Mas essas “patologias do ato” nos dizem de um algo a mais.

Reportagens de diferentes jornais e revistas revelam dados estatísticos impressionantes. Na mais recente pesquisa feita pela OMS (Organização Mundial da Saúde), divulgada no Jornal O Globo em 05.09.2014, a organização lança o primeiro relatório global sobre o suicídio, revelando que a violência auto infligida é um problema de saúde pública. A pesquisa aponta que cerca de 804 mil pessoas se suicidaram em 2012, ou seja, uma média de 11,4 mortes por 100 mil habitantes. Tais números tem um grande impacto econômico na saúde pública. Em números absolutos, o Brasil figura como o oitavo país com mais suicídios. Globalmente, o suicídio representa 50% das mortes violentas entre os homens e 71% entre as mulheres, e é a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 e 29 anos, perdendo apenas para os acidentes de trânsito.

A pesquisa nos mostra ainda um dado curioso, pois a taxa é maior em países desenvolvidos do que nos países em desenvolvimento. Uma das possíveis justificativas pode ser o fato de que em países desenvolvidos, mais pessoas estão

envolvidas no mercado de trabalho e com isso sofrem uma grande pressão subjetiva. A OMS conclui que é possível prevenir as mortes, mas o tabu que está por trás do suicídio não contribui para um debate amplo sobre o tema.

Segundo o DSM-IV, estima-se que durante os anos de 1980 e 1990 o suicídio entre crianças e adolescentes cresceu 120%; só em 1995, mais jovens morreram de suicídio do que de câncer, AIDS, pneumonia, derrame, doenças congênitas e doenças cardíacas. Nos Estados Unidos, a proporção de casos de depressão na infância e na adolescência é de uma em cada 33 crianças, e uma em cada oito adolescentes; constatou-se ainda um aumento de 98% dos casos de depressão em crianças de quatro a sete anos de idade nos últimos dez anos. Concomitante a esse crescimento, o mercado farmacêutico também vem lucrando com a ascensão dos psicotrópicos. Em 20 anos, a venda de antidepressivos cresce 22% ao ano em nosso país. Nos Estados Unidos, houve um aumento de 73% do número de psicotrópicos receitados a crianças e adolescentes entre 2001 e 2005 (Khel, 2009). Vale considerar que provavelmente a situação é ainda mais grave do que os dados oficiais apontam, pois boa parte dos casos não é contabilizada. Isso porque não há notificação compulsória, não obstante o fato de ser preferível falar de acidente a falar de suicídio. Nesse sentido, os dados estatísticos são claramente subestimados.

A partir de fatos empíricos tão expressivos e da minha experiência clínica num ambulatório público infanto-juvenil, no consultório particular e numa ONG, lugares onde me deparei com uma predominância de sintomas nos quais a modalidade do ato substitui a enunciação, pude perceber que estes sintomas trazidos pelos adolescentes nas sessões podem indicar também uma sociedade com características específicas. Assim sento, a partir dos questionamentos gerados, nos aprofundamos em pesquisas e bibliografias a cerca do tema que resultaram no presente trabalho. A relevância de se pesquisar se há algo de específico no contexto social atual que poderia estar ocasionando mais passagens ao ato durante a adolescência poderá contribuir para um debate sobre o suicídio, ainda um tema tabu em nossa sociedade.

O objetivo da pesquisa, portanto, é estudar o processo de subjetivação na adolescência, identificando possíveis relações entre o aumento da incidência de patologias psíquicas na adolescência que utilizam o recurso da passagem ao ato, e uma sociedade que nem sempre funciona como continente para as angústias dos

jovens. Em outras palavras, a pesquisa visa identificar e compreender qual é a relação entre a adolescência e a sociedade atual. Para isso, nosso percurso será feito numa articulação entre a psicanálise e alguns autores que pensam o campo social. Destacaremos, em especial, o suicídio na adolescência enquanto forma radical de passagem ao ato. É importante lembrarmos que a adolescência não é um fenômeno único, pois há uma pluralidade de experiências adolescentes. Portanto, a presente pesquisa tratará da adolescência na sociedade ocidental contemporânea.

O estudo partirá, no primeiro capítulo, de uma análise das mudanças normativas ocorridas em nossa sociedade através do texto de Freud “O Mal-Estar na Civilização” (1930[1929]), e das ideias dos sociólogos Ehrenberg (1998) e Bauman (2000). Os textos de psicanalistas como Roudinesco (1999), Melman (2003), entre outros, também contribuirão na compreensão desta nova normatividade.

O segundo capítulo tratará da adolescência propriamente dita. Primeiramente, tendo em vista a importância da singularidade de cada cultura, contextualizaremos a noção de adolescência, analisando este conceito e as questões que estão atreladas a ele através da leitura de Dolto (1988), Melman (1999), Saggese (2001) e Calligaris (2010). Num segundo momento, procuraremos compreender a especial dinâmica psíquica dos adolescentes. A adolescência é um momento particular, de definições tanto no campo sexual, como no familiar e profissional. A partir da psicanálise, ela será compreendida como um momento lógico. Acompanhando as transformações da puberdade e as novas exigências pulsionais que se apresentam ao sujeito com a emergência do desejo sexual a partir da aquisição de um novo corpo, impõe-se ao adolescente um trabalho subjetivo intenso. Para tal reflexão, partiremos de Freud com seu texto “Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1905). A problemática do remanejamento identificatório será abordada através do texto de Lacan “O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu” (1949).

Já no terceiro capítulo, procuraremos explorar o fenômeno da passagem ao ato na adolescência. Para tal, lançaremos mão novamente de autores do campo da psicanálise. Lacan (1963), Savietto (2006), Alberti (2009) e Capanema & Vorcaro (2012) são alguns deles. O desamparo sentido por muitos jovens abre caminho para o recurso da passagem ao ato como uma defesa de caráter narcísico. Na

passagem ao ato, a atuação substitui o trabalho de elaboração psíquica, havendo uma enorme convocação do corpo.

O fenômeno dos cortes no próprio corpo, tão comuns na clínica com adolescentes, será estudado a partir da concepção de um “Eu-Pele” desenvolvida por Anzieu (1989). Já o suicídio será compreendido a partir do conceito de “narcisismo de morte” trazido por Green (1966/1967; 1979), no qual um desinvestimento radical é acionado pela ação da pulsão de morte através de sua meta desobjetalizante. A melancolia, descrita por Freud Em “Luto e Melancolia” (1917[1915]) como a pura expressão da pulsão de morte, também será explorada para tentarmos compreender o suicídio. Para tal, o próprio Freud (1895; 1914; 1917[1915]; 1923) é claro, mas também Hassoun (1995), Lambotte (1997), Cavalvante & Minayo (2004), Alberti (2009), entre outros.

Posteriormente, no quarto capítulo, a violência enquanto marca fundamental das relações intersubjetivas será explorada e exemplificada através do *bullying*, conceito que vem assumindo proporções bastante significativas nos dias de hoje. Birman (2005, 2006, 2011, 2013), Araújo (2011), Silva (2011), Sleglova & Cerna (2011), Demaray (2013), Hirigoyen (2014), entre outros autores, serão utilizados. Por fim, o suicídio será articulado à violência sofrida pelos jovens, e exemplificado através de alguns casos divulgados recentemente na mídia.

Como nos lembra Saggese (1999A), é importante ter em mente que reconhecer as mudanças sociais e suas ligações com as novas formas de subjetividade não significa assumir uma visão pessimista. Todas as novas conquistas da humanidade abalam certezas e geram angústia. Nesse sentido, é preciso refletir sobre as novas formas de sofrimento psíquico que percebemos nos dias de hoje e que nos colocam frente a frente a desafios culturais inéditos.

2

A Sociedade Individualista

2.1

A Viena de Freud e a Sociedade Contemporânea

“Nada está realmente proibido; nada é realmente possível” (Ehrenberg, 1998: 14).

A vida em Viena no fim do século XIX e começo do século XX, quando Freud desenvolveu a psicanálise, é muito diferente de nossa vida atualmente. A obra “O Mal-Estar na Civilização” (1930[1929]), trata de um mal estar na cultura decorrente de um excesso de recalçamento sexual. O sujeito adoecia diante do conflito psíquico entre o que desejava e o que era socialmente permitido. O que estava em jogo era sempre o limite, e para ter acesso à “felicidade”, o sujeito deveria transpor esse limite. No entanto, temos hoje um acesso ininterrupto a dita “felicidade” e, conseqüentemente, um imperativo de ser feliz. Mas esse imperativo pode nos trazer problemas. Basta pensarmos que, para Freud (1930[1929]), a felicidade é um problema da economia da libido de cada sujeito, sendo algo essencialmente subjetivo.

Atualmente, muitas vezes nos encontramos com uma forte exigência de perfeição, sucesso e felicidade. Desde muito cedo, os pais já estão cobrando de seus filhos um ideal que provavelmente nunca alcançaram e dificilmente seus filhos alcançarão. É comum que as crianças tenham uma agenda lotada de atividades escolares, sem espaço para as brincadeiras que possibilitariam a elaboração de seus primeiros conflitos, e são treinadas desde muito cedo a viver com pressa. A maior quantidade de tarefas possibilitaria- ou pelo menos os pais acham que sim-, esticar o tempo ao máximo para encaixar a maior quantidade de sensações excitantes em seu dia a dia, para que possam melhor se preparar para a competitividade do mundo lá fora. No entanto, essas sensações vêm e vão, gerando um vazio. Diante desta nova configuração, como corresponder a ideais tão elevados? O que pode acontecer caso não se alcance tamanha expectativa?

Freud já previa em 1930 que, por buscar uma semelhança cada vez maior com Deus, as sociedades futuras teriam trabalho. Ao afirmar que os homens de sua época estavam bastante próximos da consecução de um ideal de Deus e mesmo assim não estavam satisfeitos, Freud parecia estar pressentindo uma mudança de paradigma: antigamente, “(...) Deuses constituíam ideais culturais. Hoje, ele (o homem) se aproximou bastante da consecução desse ideal, ele próprio quase se tornou um deus. (...) tornou-se uma espécie de ‘Deus de prótese’. (...) atualmente o homem não se sente feliz em seu papel de quase deus” (1930[1929]: 98).

Foi Freud também quem nos mostrou que a felicidade provém da satisfação repentina e episódica das necessidades, de modo que sentimos prazer quando estamos num contraste: “Nada é mais difícil de suportar do que uma sucessão de dias belos” (1930[1929]: 84). O que nos leva a outro problema: com uma nova moral onde o sujeito tem o direito de satisfazer plenamente seu desejo, sejam quais forem suas modalidades, o que pode acontecer é um sentimento de insatisfação constante, de tédio, de desinteresse para com o mundo externo e, conseqüentemente, uma necessidade de voltar-se para dentro.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman aponta em seu livro “Modernidade Líquida” (2000), que a sociedade atual tem como condição de vida mais difundida a precariedade, a instabilidade e a vulnerabilidade- em outras palavras, a falta de garantias, incertezas e inseguranças. Em “Por que a Psicanálise” (1999), a psicanalista Elisabeth Roudinesco usa o termo “sociedade depressiva”, designando a sociedade que a partir do movimento de globalização econômica, transforma os homens em objetos, se voltando cada vez mais para uma lógica narcísica. Para a autora, o conflito psíquico que levou Freud a construir a sua noção de subjetividade divide espaço hoje com uma nova modalidade de conflito, ou melhor, com um conflito caracterizado, sobretudo, pelo vazio.

Como expõe o sociólogo francês Alain Ehrenberg em “La fatiga de ser uno mismo” (1998), tendo em vista que a histeria extrai seus sintomas do que a sociedade lhe oferece, é, portanto, bem possível que esses (os sintomas) variem também em função das normas sociais. Sendo assim, no final do século XIX e começo do século XX, os sintomas histéricos eram caracterizados pelos êxtases numa cultura ainda religiosa, enquanto que, atualmente, os sintomas se caracterizam principalmente por um caráter depressivo ou compulsivo. O que

pode acontecer muitas vezes hoje é que o sintoma como apelo ao Outro não é acolhido, não tem lugar no social. Sendo assim, é comum que o conflito psíquico se dê de forma direta, sem representação simbólica, como passagem ao ato.

2.2

Sujeitos Soberanos X Sujeitos Fracassados

Atualmente, é muito comum nos depararmos com sentimentos de fracasso e de desilusão, pois estamos constantemente nos confrontando com ideais inalcançados e com a frustração. Ehrenberg (1998) acredita que o sentimento de fracasso seja a base do mal estar contemporâneo. Para o autor, esse mal estar se deve ao resultado da combinação entre elementos internos à psiquiatria e algumas mudanças normativas profundas em nossa forma de viver. As mudanças normativas se referem ao modelo disciplinar de gestão de condutas, às regras de autoridade e à conformidade com as interdições que atribuíam um destino aos sujeitos até os anos 50-60. Até esta época, viver poderia ser resumido em conformar-se com os padrões de conduta, em viver de acordo com eles. A divisão *permitido - proibido* estava na base das condutas sociais e regulava as subjetividades. A partir do momento em que essa normatividade se afrouxa, ocorre um desmoronamento dos valores patriarcais clássicos. A norma que passa a guiar as subjetividades é a da iniciativa individual, levando o sujeito a tornar-se sujeito de si mesmo:

(...) uma sociedade em que a norma não está mais fundamentada sobre a culpabilidade e a disciplina, porém sobre a responsabilidade e a iniciativa. Ontem, as regras sociais comandavam os conformismos de pensamento, ou mesmo os automatismos de conduta: hoje em dia, elas exigem iniciativas e aptidões mentais. O indivíduo é confrontado com a patologia da insuficiência (...). (Ehrenberg, 1998: 16,17).

Há, a partir de então, um deslocamento para a divisão *possível- impossível*, e os ideais oferecidos pela sociedade aos sujeitos muitas vezes não fornecem mais parâmetros identificatórios estáveis. São, portanto, *ideais falidos*.

Com isso, podemos observar a mutação a que se refere Ehrenberg (1998): do sujeito culpado freudiano para o sujeito responsabilizado contemporâneo. Responsabilizado, fracassado e envergonhado por sentir-se insuficiente, por não

ter correspondido ao ideal que lhe foi imposto. Diante de tantas referências e tantas possibilidades, o sujeito sofre com a patologia da responsabilidade, com o sentimento constante de insuficiência.

A vergonha, uma queixa muito comum na atualidade, diz respeito a quando o sujeito se depara com uma insuficiência, um desempenho aquém do esperado, uma perda de poder, e tem uma decepção decorrente de seu baixo desempenho ou ligado à sua imagem corporal. O sentimento narcisista é engendrado, portanto, por uma situação social: o outro testemunha algo que não poderia ter sido visto; o olhar do outro faz com que o olhar do sujeito se volte contra si mesmo (Venturi et. Al, 2011).

Bauman (2000) afirma que os padrões não são mais dados, como já ocorreu um dia, e menos ainda auto-evidentes. Pelo contrário: por serem muitos, chocam-se entre si e às vezes se contradizem de tal forma que foram desprovidos de seus poderes de repressão. São maleáveis, fluidos. Com a “liquefação dos padrões” os indivíduos devem dar-lhes forma. A ideia de Bauman da mudança de questão do “como posso fazer da melhor forma possível aquilo que devo fazer?” para “o que devo fazer?” ilustra bem esse fato (2000: 73).

O que está em pauta hoje é considerar e decidir entre as múltiplas possibilidades, e o fato de serem múltiplas é o que torna difícil a exploração de todas elas. Se não há grandes líderes para nos dizer o que fazer, também não há quem dê alívio pela responsabilidade e consequência de nossos atos. Com isso, há uma ênfase na auto-afirmação do indivíduo: “Olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida - sua astúcia, vontade e poder” (Bauman, 2000: 38). Tudo corre por conta do sujeito, e lhe cabe descobrir o que é capaz de fazer e como poderá obter o máximo de satisfação possível.

De acordo com Bauman (2000), viver na sociedade contemporânea significa estar sempre à frente de si mesmo. O que gera essa exigência é o fato de ser impossível atingir a satisfação: quando o esforço acaba, o momento de gratificação é muito fugaz e os objetivos perdem seu potencial de satisfação no momento em que são realizados. Portanto, a consumação está sempre num futuro que nunca chega; nenhuma vitória é definitiva e o sujeito é levado a ter uma identidade que só existe como um projeto não realizado. Consequentemente, os desejos passam a ter que ser satisfeitos rapidamente, como veremos mais adiante.

2.3

Uma Nova Normatividade

Melman (2003) sugere cinco razões que contribuíram para essa mudança normativa. A primeira delas seria a queda das grandes ideologias, o que levaria a desmentir o saber. A queda dos grandes textos fundadores das culturas, como a Bíblia, o Alcorão, Homero, etc., gera uma multiplicação de referências, uma enorme proliferação de religiões e ideologias. O autor percebe que o saber está desinvestido pelos jovens. Por conta da dificuldade de suportar alguma coisa que tenha um limite, os jovens buscariam hoje técnicas e instrumentos que transpassam os limites do saber. Também podemos pensar no fato de que hoje é o público que decide o que é bom e o que é ruim. Basta lembrarmos o famoso “Big Brother”, onde os participantes agem sempre de acordo com o que imaginam que o público irá aprovar. A moral é decidida democraticamente pelo coletivo, horizontalmente, e não mais por um livro sagrado ou alguma figura soberana.

A segunda razão diz respeito à economia liberal. Segundo Melman (2003), muitas vezes é o mercado que hoje regula os desejos e leva os sujeitos a abolir toda e qualquer restrição, aceitando os excessos como sendo algo normal nas relações intersubjetivas. A ideologia das restrições da antiga norma social é contrária ao ideal da economia liberal. A sustentação do sujeito passa a se dar com os objetos, o que significa que a vida afetiva ganha corpo, sobretudo, com os objetos. São eles que dão ferramentas para a constituição das identidades e, como são muito instáveis, as identidades podem acabar por se tornarem também instáveis. Para Melman (2003) o sujeito tem hoje, seu valor atrelado ao valor mercantil. Sendo assim, cada mudança no mercado econômico pode significar uma mudança de ideal, o que faz com que este seja cada vez mais distante da real possibilidade do sujeito.

Outra consequência da economia liberal é o fato de que, diante dela, o sujeito mede seu valor não mais por suas qualidades subjetivas, mas sim pela qualidade de sua participação nas trocas sociais, comerciais e mercantis, o que o leva a lutar permanentemente para ser reconhecido. Ou seja:

A particularidade dos intercâmbios econômicos faz com que o valor comercial de cada um esteja submetido a circunstâncias aleatórias, imprevisíveis e que não dependem das próprias qualidades. Por exemplo, aparece uma nova tecnologia e

todo o meu talento e minha especialização não servem mais pra nada (Melman, 2003: 98).

Os sujeitos passam então, a medir seus ideais pela aptidão. Esta envolve sempre o auto-exame e pode gerar muita ansiedade, já que a vitória nunca é definitiva. Se as referências mudam a cada instante, o mesmo acontece com a auto-estima do sujeito, que está submetida a essas referências.

Outra grande e importante razão concerne o grande progresso tecnológico dos últimos anos, especialmente no que diz respeito à Internet. Seu surgimento e rápido desenvolvimento envolvem uma comunicação horizontal e global, que possibilita o diálogo comum entre indivíduos totalmente diferentes (Melman, 2003). A tecnologia que temos hoje é capaz de satisfazer todo mundo. No mundo virtual somos todos semelhantes e não há limites. Tudo é possível, como criar personagens que camuflam a insegurança que está por trás dos monitores.

A quarta razão se deve ao fato de que, atualmente, as relações são todas mediadas por um contrato jurídico que viria substituir a Lei simbólica. Ou seja, havendo sempre garantias, o lugar da dívida torna-se diminuído e a subjetividade se encoberta pelo jurídico (Melman, 2003).

Por fim, a quinta razão sugerida por Melman (2003) seria algo sobre o qual ainda não temos capacidade de avaliar sua real consequência, e que diz respeito ao fato de que pela primeira vez na história, não precisamos mais de deuses nem de Deus para exercer a fecundidade. O que significa dizer que dominamos os mecanismos da fecundação, da reprodução e da potência genital. Nem mesmo a relação sexual é fundamental para a reprodução. Uma boa ilustração deste fato é a possibilidade atual de mulheres engravidarem com sessenta anos devido à inseminação artificial. Como diz Melman:

Graças a tecnologia, tornamo-nos senhores do sexo. (...) durante anos os homens viveram o temor de que o desejo, a potência sexual, e a fecundidade viessem a desaparecer. A esterilidade era uma marca da maldição e era comum aos jovens entregarem-se a rituais, sacrifícios, a sacrifícios humanos, (...) e tudo isso para conservar a benevolência, isto é, antes de tudo, a manutenção da fecundidade (2003: 57).

É possível acrescentar uma sexta razão a partir da ideia de Bauman (2000) sobre a mudança na relação do tempo e do espaço. Segundo o autor, hoje o tempo

não mais confere valor ao espaço; o tempo aniquilou o espaço, sendo que este último não impõe mais limites, tornou-se irrelevante. É como se houvesse uma disjunção entre o tempo e o espaço. Sabemos que é possível atravessar um grande espaço em um tempo mínimo. Como consequência, temos uma aproximação entre o perto e o longe e, sobretudo, uma desvalorização do espaço. Temos a instantaneidade, que influencia o convívio humano. Muitas vezes, evitam-se compromissos duradouros, engajamentos e laços afetivos resistentes: “A duração deixa de ser um recurso para tornar-se um risco” (Bauman, 2000: 148).

Para ilustrar essa mudança normativa, devemos chamar a atenção para os movimentos da década de 60, onde preconceitos foram repensados, tradições foram questionadas e limites que estruturavam as vidas foram rompidos: “Ao invés da pessoa ser conduzida por uma ordem exterior (ou pela conformidade com a lei), deve apoiar-se em seus recursos internos, recorrer a suas competências mentais” (Ehrenberg, 1998: 16). Como consequência, temos a emancipação dos indivíduos; temos sujeitos soberanos.

Em contrapartida, como sinaliza Ehrenberg (1998), esta nova normatividade - a da soberania -, não torna os sujeitos livres para fazer o que quiserem. Com uma grande oferta de referências, temos uma situação nova:

A modernidade democrática (...) tornou-nos progressivamente homens sem guia; colocou-nos na situação de julgar por nos mesmos e a construir nossas próprias referências. Nos tornamos puros indivíduos, no sentido que nenhuma lei moral nem nenhuma tradição nos indicam do exterior quem devemos ser e como devemos reagir (Ehrenberg, 1998: 15).

Ser abandonado aos seus próprios recursos pode causar a angústia da indecisão e o medo do fracasso. Para Bauman (2000), as normas capacitam e os padrões impostos pela sociedade externa poupam angústia aos sujeitos que, sabendo o que devem fazer, sabem mais facilmente como devem fazer. A tão sonhada liberdade que é concebível e que é possível de aceitar já foi conquistada; hoje vivemos em seu limite máximo. É uma liberdade sem precedentes, mas que pode gerar impotência também sem precedentes. Para Venturi et Al. (2011), se as referências não possuem mais ressonância no social, os sujeitos passam a sentir uma sensação de estar à deriva. Apesar da extrema liberdade que temos hoje, o preço que o sujeito paga é alto, pois se paga com sua constante insegurança.

O que muitas vezes é levado em consideração ao escolher um objeto é a possibilidade de auto-satisfação imediata, instantânea e constante. Mas essa exposição excessiva aos objetos de consumo pode trazer consequências. Há, por assim dizer, uma tendência ao desaparecimento do vazio central que é próprio da estrutura subjetiva contemporânea. Segundo Saggese, em nossa sociedade, “(...) no lugar da falta, da espera, da fantasia que eleva um objeto à condição de objeto do desejo, temos a presença excessiva, o esgotamento do desejo e a impossibilidade do fantasiar” (1999B: 46).

Tendo se livrado de seus deveres emancipatórios, a sociedade tornou-se mais liberal, mais leve, mais “líquida” (Bauman, 2000). Estar livre de laços consistentes dá a possibilidade de se aproveitar qualquer oportunidade que apareça. Os compromissos, muitas vezes, são vistos como objetos a serem consumidos e não produzidos em parceria, sendo avaliados pelos mesmos critérios que qualquer outro bem de consumo: duram apenas enquanto durar a satisfação. Portanto, acabam sendo transitórios e passíveis de fácil ruptura.

Bauman enfatiza ainda a questão da individualização. Para ele, a sociedade atual “existe em sua atividade incessante de individualização” (2000: 39). O que antes era uma tarefa coletiva, hoje se tornou uma tarefa individual. Saggese (1999B) concorda ao afirmar que, juntamente com o dinheiro, o conforto, a privacidade, o aceleração das tecnologias, o questionamento das grandes teorias explicativas e a exacerbação do poder das grandes potências econômicas, o “hiperindividualismo” é um dos valores fundamentais da contemporaneidade. As atitudes individualistas são aprovadas por nossa cultura, sendo assim transformadas em um padrão ético. O autor questiona se este “hiperindividualismo” seria algo destrutivo ou apenas a exacerbação da liberdade do sujeito.

Ao mesmo tempo, como demonstra Roudinesco (1999), o sujeito pertence ao que ela chama de “totalidade orgânica”, onde todos devem ser iguais para serem aceitos socialmente, havendo uma valorização dos processos de normalização. Melman (2003) concorda ao afirmar que uma das características mais importantes da mutação cultural é a necessidade de formação de grupos, sendo que estes devem ser constituídos por semelhantes. É o que o autor chamou de comunitarismo: “Entramos numa época na qual buscamos a constituição de grupos homogêneos, nos quais a alteridade é uma dimensão banida (...) Chama-se

comunitarismo” (2003: 91). Quanto mais eficaz é essa homogeneização, mais difícil torna-se aceitar as diferenças e mais intensa é a ansiedade que esta pode causar. A homogeneização faz com que o sujeito se sinta como um anônimo, sem identidade e incapaz de fazer o que quer que seja. É a isso que se refere Roudinesco, quando afirma que “nada é mais próximo da patologia do que o culto da normalidade levada ao extremo” (1999: 123). Vemos aqui uma importante contradição: o social é hoje uma grande massa onde o melhor é ser semelhante, enquanto que ao mesmo tempo é dever se destacar através de algum diferencial.

Birman (2006), ao analisar as transformações em nossa sociedade, observa novas formas de mal-estar. O autor chama a atenção para a derrocada do registro do pensamento que ocorre atualmente, e afirma que o mal-estar contemporâneo se apresenta no registro do corpo, da ação e do sentimento. No lugar do antigo sofrimento centrado no conflito psíquico, no qual se opunha o impulso e a interdição moral, como vimos anteriormente, o mal estar se evidencia hoje, portanto, na prevalência desses três registros, que se articulam através do excesso, produzindo assim um curto-circuito no pensamento. Na medida em que são rompidos os padrões que conduziriam os sujeitos, o corpo passa a ser por onde alguma forma de controle pode ser imposta, tendo este que funcionar sempre perfeitamente bem para que possa gozar plenamente de sua autonomia.

Nesse sentido, no mal estar atual, desaparece o modelo conflitual da subjetividade. O pensamento é suspenso, o que dificulta ainda mais as simbolizações. As consequências destas mudanças são enormes. O discurso pode assumir um caráter horizontal, sem cortes. E a linguagem, sendo permeada cada vez mais por imagens, corre o risco de torna-se empobrecida, perdendo seu poder metafórico, passando, portanto, a ser instrumental.

É possível reconhecer outra consequência de tais mudanças através da constatação de que o mal-estar contemporâneo se caracteriza, sobretudo, como dor e não como sofrimento. Ou seja, o sujeito contemporâneo muitas vezes não consegue mais transformar dor em sofrimento, e esta não pode ser endereçada ao outro enquanto demanda. A dor é entendida aqui enquanto uma experiência solipsista, onde o sujeito se fecha ao outro, enquanto que o sofrimento é uma experiência alteritária, onde o outro está sempre presente. Imerso na dor de existir, o sujeito contemporâneo se evidencia como narcísico (Birman, 2006).

Portanto, o que está em questão, tanto do registro do corpo quanto no registro da ação e do sentimento, é a economia do narcisismo. Segundo o autor, o Eu prefere implodir a explodir, mantendo a auto-conservação e a homeostasia do prazer. Sendo assim, é comum que o psiquismo lance mão, cada vez mais hoje, da *passagem ao ato* e não do *acting out*. A partir de tais constatações, podemos concluir que “(hoje) é a ação o vetor crucial para a eliminação das intensidades psíquicas” (Birman, 2006: 184).

De acordo com Jordão (2013), traços melancólicos e traços perversos convivem na atualidade em um nível tanto individual quanto coletivo. Para ele, os traços perversos serviriam como um modelo possível para as relações objetais atuais, mas o próprio estatuto do objeto teria um caráter melancólico. Atualmente, nos deparamos com um narcisismo frágil e precário, que a qualquer momento pode ser desestabilizado, pois qualquer sanção remete ao desamparo. Na sociedade narcísica, não existe meio termo, o sujeito vai do tudo ao nada, do desamparo à onipotência, sem etapas intermediárias:

E aqui o jogo é de vida ou morte, não há alternativa. A diminuição do investimento libidinal no eu experimentada em qualquer realidade que imponha algum limite à onipotência narcísica é vivida como real ameaça de morte psíquica, da qual tenho que me defender também de maneira imediata e absoluta. Diante do desamparo, defendo-me desesperadamente para resgatar a onipotência narcísica perdida ou ameaçada (2013:107).

Essa dinâmica psíquica tem consequências nas relações objetais. O Eu e o objeto precisam de certo investimento libidinal, e a concentração da libido num polo ou em outro implica na retirada da libido do polo antagônico. Ou seja, o investimento objetal implica necessariamente num empobrecimento narcísico. Sendo assim, o próprio investimento objetal pode se tornar uma ameaça. Com isso, o objeto é destituído de seu valor objetal, passando a ser um mero instrumento de gozo, o que poderia reafirmar a onipotência narcísica e contornar o desamparo. Mas o Eu é também um objeto passível de investimento libidinal, e por isso, com a destituição objetal, acaba também por perder sua estabilidade e potência. Há assim um enorme empobrecimento subjetivo. Se nenhum objeto tem valor especial, todos são substituíveis. E o objeto passa a ser melancolizado, desobjetalizado (Jordão, 2013).

Parece relevante abordar ainda a grande influência dos psicotrópicos na

subjetividade contemporânea. Freud já dizia em “O Mal- Estar na Civilização” (1930[1929]), que a influência química poderia ser um método eficaz para nos aproximarmos da felicidade, e que tal método nos possibilitaria a produção imediata de prazer com um alto grau de independência do mundo exterior: “(...) com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade” (1930[1929]: 86). Se hoje, como vimos, os sujeitos encontram dificuldades principalmente no que diz respeito à satisfação dos ideais, nada mais esperado do que fugir das altas exigências se medicando.

Para Roudinesco, os psicotrópicos fabricam um “novo homem, polido e sem humor”, e tentam curá-lo “da própria essência da condição humana”, prometendo felicidade (1999: 21, 22). Ehrenberg (1998) pensa que há uma forma de encontro entre o que o medicamento promete e as aspirações sociais. Ou seja, numa sociedade onde há uma enorme exigência social de ter que corresponder a um ideal de perfeição, o sujeito pode ter dificuldades em assumir seu sofrimento e poderia pensar que mais rápido e mais fácil do que passar por uma dor e elaborá-la, como no caso do luto, é tomar uma pílula onde tudo estaria –aparentemente– resolvido. Assim não seria visto como um fracassado e não perderia tempo com o sofrimento.

É importante deixar claro que o medicamento em si não é o problema, mas sim a expectativa em relação à ele, o que muitas vezes leva ao uso banalizado do mesmo. Como nos diz Freud: “Não é fácil lidar cientificamente com sentimentos” (Freud, 1930[1929]: 74). Segundo Ehremberg:

A felicidade obtida via receita médica responde a química do desespero; a medicalização do mal estar se opõe a depressão enquanto legítima doença. (...) A nova classe de antidepressivos confortáveis, cujo carro-chefe é o Prozac, representa, com ou sem razão, a possibilidade ilimitada de alimentar seu interior mental para ser melhor do que si mesmo. (...) Um bem estar artificial assumiria o lugar da cura (1998: 13,14).

Esse bem estar artificial pode ser perigoso. Podemos pensar que quanto mais o sujeito acredita que terá seu sofrimento resolvido através de pílulas mágicas, mais ele se decepciona, mais o seu sofrimento aumenta e mais ele recorre a novos medicamentos ou novos tipos de tratamentos mágicos, caindo

num ciclo vicioso onde o bem estar nunca é alcançado. Parece-nos correto afirmar que o medicamento age apenas no sintoma, não resolvendo o conflito psíquico por trás deste, além de atropelar o tempo psíquico. Ao tomar um medicamento, o sujeito deveria atender a uma situação de crise, e não apenas silenciar sua subjetividade suprimindo o sintoma. Com o excesso de medicação, o paciente é levado então, “para uma posição cada vez menos conflituosa e cada vez mais depressiva” (Roudinesco, 1999: 41), e o medicamento vem curar, nesses casos, o próprio sentimento de existir. É no mínimo curioso pensarmos que, como mostra Freud (1930[1929]), mesmo com o enorme avanço científico na atualidade e com um maior controle sob a natureza (o tempo e o espaço) em comparação com outras épocas, nossa sociedade não está em nada mais satisfeita nem feliz como poderia se esperar.

Para Ramalho (2001), atualmente somos ordenados não pelas tradições, mas por um fazer-se por si mesmo. Com a falta de ideais, o sujeito contemporâneo se caracteriza como individualista e narcisista: “Na falta de Ideais do Eu como referências simbólicas, o sujeito voltar-se-ia, então, ao Eu Ideal” (Ramalho, 2001: 18). Portanto, diante de uma sociedade com múltiplas referências, o que podemos dizer dos adolescentes?

A adolescência e sua necessidade de resgatar seu registro simbólico a procura de ideais que foram anteriormente introjetados pode tornar-se um processo bastante complexo. Em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), Freud articula a “pobreza psicológica dos grupos”- fenômeno produzido pela falta da figura de autoridade-, a algumas características como o excesso emocional, a impulsividade, a violência, a inconstância, o extremismo nas ações, a presença de contradições, a ausência de auto-respeito e de senso de responsabilidade, sugestionabilidade, entre outros. Tais características são frequentemente encontradas nos adolescentes da atualidade. É sobre eles que pretendo levantar questões a serem analisadas no próximo capítulo, visto que há uma forte ligação entre as transformações sociais e as novas formas de subjetividade.

3

Sobre a Adolescência

3.1

A Adolescência enquanto uma Construção Social: Qual é a Senha para tornar-se Adulto Hoje?

Antes do século XVIII não havia distinção entre a infância e a adolescência. Nas sociedades tradicionais, havia ritos de passagem que demarcavam para o sujeito sua posição social e indicava qual seria o seu lugar no mundo dos adultos. As crianças eram submetidas a provas, eventos que deixavam marcas, frequentemente no corpo, e que separavam o sujeito simbolicamente de seu passado. A partir dessas provas lhes era atribuído um valor e a passagem para a vida adulta era permitida.

Nesse sentido, era na sociedade que o sujeito encontrava uma fonte de referência. A passagem de uma idade a outra não produzia conflitos nas sociedades tradicionais por ser conduzida por caminhos conhecidos, dentro de ritos apropriados e preestabelecidos, que controlavam o processo de individuação. Em outras palavras, sendo atravessada através de rituais, a passagem de criança a adulto era feita sem as indefinições que comumente percebemos hoje (Saggese, 2001; Dolto, 1988).

Segundo Saggese (2001), a separação de uma fase de vida a outra é fundamental para que o sujeito possa se inserir numa nova posição subjetiva. O sentido dos processos de ritualização seria permitir ao púbere perder os registros da vida infantil para que possa ascender a uma nova posição subjetiva. Poderíamos então dizer que os ritos têm como objetivo, sobretudo, “(...) a inscrição do indivíduo no grupamento a que vai pertencer em sua vida adulta” (2001: 59).

Na sociedade contemporânea, no entanto, muitas vezes não há equivalentes dos ritos de iniciação que marcavam essa ruptura, e com isso há uma dificuldade em fornecer os caminhos de passagem entre os ciclos de vida. É como se o adolescente estivesse perdido, sem ser sustentado em busca de um lugar no

universo social, sendo que este lugar é indeterminado na própria sociedade. Podemos, portanto, nos perguntar quais são os ideais que a nossa época oferece para mobilizar os sujeitos adolescentes. O fato de não haver ritos de iniciação bem estruturados faz com que muitos jovens de nosso tempo adotem condutas de risco como equivalentes aos rituais de passagem:

Entregues a si mesmos, os jovens de hoje não são mais levados em conjunto e solidariamente de uma margem para a outra; eles mesmos devem se dar esse direito de passagem. E isso requer deles uma conduta de risco (Dolto, 1988: 20).

Sem os ritos previamente estabelecidos, os adolescentes de nossa sociedade instituem cerimoniais dentro de seus próprios grupos, numa tentativa de enfrentar as dificuldades que encontram. No entanto, segundo Saggese, há algumas limitações:

O parco e instável consolo emocional que esses grupos dão aos seus membros e as dificuldades de integração que apresentam em relação ao conjunto da sociedade são suficientes para indicar as limitações da correlação entre os ritos modernos e tradicionais (2001: 61,62).

Para Calligaris (2010), os ritos de iniciação das outras culturas eram equivalentes ao que hoje conhecemos por adolescência propriamente dita. Mesmo sendo acompanhadas por provas difíceis e muitas vezes sofridas, eram, segundo o autor, sempre mais suportáveis do que a indefinida moratória moderna, onde a definição do que significa ser um adulto fica por bastante tempo em aberto. Hoje, ninguém sabe direito o que fazer para se tornar adulto. Portanto, a questão que se coloca aos adolescentes não é mais quando começa a adolescência, mas sim quando ela termina, como se sai dela. Os adolescentes são confrontados com um enigma que pode gerar uma enorme insegurança e levanta questões como o que se espera deles, como fazer-se reconhecerem como adulto e porque os adultos os idealizam.

Para Dolto (1988), os ritos de passagem favoreciam a sublimação da castração. Isso porque ao passar pelas provas, o jovem era libertado do sentimento de culpa transgressiva. Hoje, a passagem da infância à vida adulta é uma passagem sem transição, feita sozinha e muitas vezes sentida como uma transgressão. O adolescente então chega a ser adulto através de uma ruptura brutal:

Se precisamente hoje existe uma incidência maior de desespero entre os adolescentes- como se diz- por fugas ao imaginário da droga, ou então ao imaginário da morte, o suicídio, penso que é porque lhes faltam ritos nessa passagem em que os adultos decretam: “A partir de agora, você merece ser reconhecido, você é uma pessoa de valor”. Eles não têm pontos de referências claros dados pela sociedade que lhes permitam ser encorajados a assumirem um risco (...) (Dolto, 1988: 34).

Como vimos anteriormente, com a nova normatividade social sendo a soberania do sujeito, a preparação para um bom desempenho na vida adulta se torna ainda mais prolongada e complexa. Nada é mais dado pronto, e o adolescente se depara com um ideal difícil de ser correspondido. Como o adolescente vai saber o que deve fazer para tornar-se adulto? Sem referências estáveis os adolescentes sentem muitas coisas coletivamente. O coletivo hoje passa a ser um refúgio. Ao se reagruparem, os adolescentes inventam novas trocas sociais com os membros do grupo (Dolto, 1988).

Para Saggese (2001), uma grande dificuldade do processo de subjetivação dos adolescentes é o fosso existente entre seus ideais e seus desejos e a realidade das tarefas adultas. Outra dificuldade diz respeito ao declínio do saber da família em detrimento aos discursos especializados. A família muitas vezes se vê como algo a parte da sociedade, e não como integrante de um todo:

Pressionado a deixar o círculo familiar que se encontra cada vez mais desprovido de instrumentos para mapear o caminho de seus filhos no espaço social externo, o jovem está cada vez mais exposto como indivíduo à arbitrariedade e anormalidade (2001: 64).

Devemos nos atentar para o enfraquecimento do patriarcado, que está imputado às transformações sociais de nossa época. O fato é que a partir da primeira guerra mundial, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, podemos já observar um enfraquecimento do dito pátrio poder. Mas foi apenas nos anos 50-60, com a revolução sexual, que a organização da família muda radicalmente, e com ela o poder da educação passa para a mãe e depois para o Estado, relegando muitas vezes ao pai uma função quase de coadjuvante. Esse deslocamento da autoridade do pai para a mãe não veio sem consequências. Segundo Nazar, a mais importante diz respeito à questão de como poder haver

uma reconfiguração identificatória, própria à adolescência, se a instância paterna está tão enfraquecida. Nas palavras da autora:

O sujeito, uma vez que ele não pode identificar os lugares ritualizados que podem responder e que podem assegurá-lo da sua inscrição simbólica, este discurso que é próprio do sujeito e que diz respeito a sua inscrição fica absolutamente sem lugar. (...) Há uma errância no que diz respeito à função do pai na nossa atualidade. Não só o pai não é mais uma figura de referência, mas não há mais, a rigor, referências simbólicas bem demarcadas nas quais o sujeito possa referendar-se para afrontar-se com o real, que o acossa a cada momento e que vem se inscrever a cada um desses momentos (1999: 51).

Ou seja, é comum que o adolescente, ao ser convocado a responder as demandas que lhe são impostas, se vê incapacitado para tal tarefa e se questiona: “Como se chega a ser um indivíduo- o ser moral, independente e autônomo que nossa ideologia consagra? Nas últimas décadas, acelera-se a precariedade de todos os modelos pelos quais um homem pode encontrar seu posto singular no universo social individualista” (Saggese, 2001: 74).

A partir disso, podemos destacar a particular vulnerabilidade dos adolescentes ao individualismo contemporâneo e às crises sociais, o que aponta para a fragilidade do seu processo de individualização. Essa fragilidade nos é clara através da elevação das taxas de suicídios e tentativas de suicídio entre os jovens a partir dos anos 60, o que será posteriormente analisado neste trabalho. Tendo em vista que a juventude é a categoria social mais destituída de pontos de referência e de enraizamento, podemos pensar nas consequências subjetivas do enfraquecimento dos ideais para o processo de subjetivação do adolescente (Saggese, 2001).

Para Dolto, uma saída para o adolescente contemporâneo seria a construção de um *projeto* que equivaleria aos ritos de passagem- já que hoje é dada grande ênfase às criações individuais e quase nenhum valor ao que foi herdado. O *projeto* não pode substituir os ritos de passagem, mas na concepção de Dolto, talvez permitisse dispensá-lo: “Se o adolescente tem um projeto, mesmo a longo prazo, está salvo. É o que torna suportável a espera no purgatório da juventude, nesse estado de impotência e de dependência econômica” (1988: 98).

Quando um adulto diz a um adolescente “isso é impossível!”, ele esmaga seu desejo de evasão, ou seja, seu desejo de sair da vida infantil para tornar-se adulto. O que deveria ocorrer é o oposto. Na visão de Dolto (1988), se a sociedade

encorajasse os adolescentes a se exprimirem, seria este encorajamento que os sustentaria em sua difícil travessia à vida adulta. Sendo assim, hoje:

A experiência de ser adolescente confronta o sujeito com o desafio de constituir um projeto individual, sem a proteção da família e sem o auxílio eficiente de outra instância social ou de algum rito suficientemente abrangente para conduzi-lo na travessia (Saggese, 2001: 77).

Segundo Calligaris (2010), o começo da adolescência é decidido pela puberdade, com a maturação dos órgãos sexuais e a grande mudança hormonal. Seria um processo natural. No entanto, na medida em que os adultos não reconhecem nesse processo os sinais da passagem para a vida adulta, constitui-se um problema chamado adolescência. Haveria uma espécie de moratória imposta pela sociedade aos adolescentes (Erikson, apud Calligaris, 2010). Isso porque as crianças demoram em média 12 anos para se integrarem na sociedade e, ao chegarem à adolescência, quando seus corpos se tornam desejantes e desejáveis, lhe permitindo amar, copular, gozar e reproduzir; e quando têm força para qualquer tarefa de trabalho que os levaria ao sucesso social, justamente nesse momento, a sociedade lhe comunica que ainda não está na hora e que ficará por mais dez anos sob a tutela dos adultos “(...) preparando-se para o sexo, o amor e o trabalho, sem produzir, ganhar ou amar; ou então produzindo amando e ganhando, só que marginalmente” (Calligaris, 2010: 16). Na visão do autor, a criança se torna adolescente quando, apesar de seu corpo estar pronto para a competição, ele ainda não é reconhecido como adulto.

Em outras palavras, há um tempo de suspensão entre o momento em que o sujeito vê seu corpo pronto, maduro como o do adulto, o que equivaleria a primazia do falo colocada por Freud que veremos mais adiante, e a autorização da sociedade para que se realize os valores sociais. Há um hiato, como se essa autorização fosse suspensa, postergada por mais 10 anos. Segundo Calligaris (2010), a adolescência poderia ser definida justamente por esse hiato, esse tempo de suspensão, contrastado com a finalidade última do adolescente que é, a saber, se tornar adulto, ser reconhecido como sujeito adulto para que possa fazer parte da comunidade. Sendo assim, é possível pensar que as condutas extremas dos adolescentes têm como objetivo convencer o outro de que sua vida está

acontecendo de verdade, como a vida adulta, e que não é nenhum limbo preparatório.

Portanto, o autor define o adolescente como alguém que assimilou os valores sociais e cujo corpo chegou à maturação necessária para que possa exercer tarefas adultas, mas para quem, nesse momento, a sociedade impõe uma moratória; cujos sentimentos e comportamentos são reativos, de rebeldia justamente a esta moratória injusta; que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos; e que não sabe quando e como vai poder sair da sua adolescência.

Calligaris (2010) nos aponta uma forte contradição, pois nossa sociedade instiga incessantemente os jovens a se tornarem indivíduos independentes e autônomos, ao mesmo tempo em que reafirma que eles só serão reconhecidos como adultos quando tiverem alcançado essa suposta independência. Ou seja, a moratória imposta pela sociedade aos adolescentes perpetua sua dependência; em contrapartida, o ideal social mais cultuado na sociedade contemporânea é o da autonomia e o da liberdade individual. Mas, curiosamente, a sociedade cultua fortemente a adolescência, fase da vida em que os sujeitos ainda não são autônomos, chegando ao ponto dos adultos quererem ser como os adolescentes:

Mas, seja como for, o adolescente vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta e ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência lhe ordena que seja feliz. Se a adolescência é um ideal para todos, ele só pode ter a delicadeza de ser feliz ou, no mínimo, fazer barulhantemente de conta (Calligaris, 2010: 18).

Ainda segundo Calligaris, numa cultura em que a autonomia, a liberdade e a independência são os valores centrais e mais exaltados, a mensagem transmitida ao adolescente é essencialmente contraditória, pois para obedecer, o adolescente deveria desobedecer, contradizendo a tradição. O imperativo cultural poderia ser assim definido: “Desobedece! Prova tua autonomia!”. Os adultos, muitas vezes negam a maturação corporal dos adolescentes e lhes pedem que continuem crianças, tentando mantê-los numa subordinação que contrasta com os valores socialmente valorizados. Querem que sejam autônomos, mas lhes recusam essa autonomia.

A contradição se fortalece ainda mais com o fato de que hoje, tudo o que é exceção é valorizado. Ora, se a sociedade preza a exceção, porque é que os

adultos tentam transmitir regras de conformidade? “Quanto mais o adulto tenta se constituir como autoridade moral, mais se qualifica como hipócrita, porque a cultura promove como ideal aquele que faz exceção à norma” (Calligaris, 2010: 29). Como consequência, o adolescente conclui que o adulto quer dele revolta. Sendo assim, podemos dizer que os adolescentes transgridem para serem reconhecidos pelos adultos. Os adultos, por sua vez, para reconhecê-los e terem acesso à eles, constroem visões sobre a adolescência. O autor destaca cinco destas visões:

1. O adolescente gregário: transforma sua faixa etária num grupo social do qual os adultos são excluídos e onde os adolescentes podem se reconhecer como pares. Sua verdadeira comunidade não é a família, ao contrário da criança. O grupo sanciona a desagregação da família e quebra a relação hierárquica entre gerações, visto que o adolescente encontra em seus pares o reconhecimento que esperava ter dos adultos. Portanto, o gregarismo aparece como uma forma de patologia adolescente por ser uma forma de insubordinação aos adultos;
2. O adolescente delinquente: a delinquência é uma resposta à moratória. O adolescente tenta impor pela força o que aparentemente não é ouvido. Por não ser reconhecido dentro do pacto social, tentará ser reconhecido fora dele ou contra ele, tentando suscitar a atenção e o reconhecimento dos adultos. O adolescente transgredir não para burlar a lei, mas para excitá-la, para que a repressão corra atrás dele e assim o reconheça como pares dos adultos. Os comportamentos delinquentes mais comuns são o furto, a utilização da força física- que produz medo como algo simbolicamente semelhante do respeito-, e a promiscuidade;
3. O adolescente toxicômano: a toxicomania é uma estratégia que força o reconhecimento do adulto. Os adolescentes de hoje são filhos de uma geração que ligou o uso das drogas à ideia de liberação e revolução, mas subsequentemente a abandonou e a recalçou. O adolescente percebe que, no que diz respeito às drogas lícitas, há uma separação entre eles e os adultos. Mas nada indica que o adolescente queira ser protegido ou que

receba um cuidado especial, pois isso o infantilizaria. Também é seduzido pelo risco de vida trazido pelo abuso das drogas, visto que, como veremos a seguir, adolescência e morte andam de mãos dadas. Outro atrativo para o uso de drogas é que esta propicia a formação de grupos. O adolescente toxicômano parece ser o mais preocupante para os adultos. Isso porque talvez os adultos vejam na droga uma perigosa porta de saída por onde os adolescentes escapariam à moratória e entrariam de vez na vida adulta. O que também fica evidenciado pelo fato de que a reabilitação é o contrário da infantilização, pois implica o reconhecimento de que quem se perdeu esteve em perigo de verdade;

4. O adolescente que se enfeia: inventa um padrão estético interno pelo qual os membros se diferenciam e se reconhecem entre si, com a função de desafiar a aprovação dos adultos. O ato de se enfeiar pode corresponder a uma recusa da sexualidade, como se o adolescente recusasse o fato de ser desejável sexualmente;
5. Por fim, o adolescente barulhento: o volume da música poderia ser uma metáfora sonora para a intensidade da experiência subjetiva do adolescente. Oscilando entre estourar as caixas de som e viver de fone de ouvido, ele transmite o recado: “ou te ensurdeço, ou não te ouço”.

No entanto, é preciso ressaltar que todas as formas de transgressão dos adolescentes fracassam em seu objetivo de convocar a lei para ser reconhecido como um adulto. Na medida em que cada vez mais nossa sociedade transforma essas transgressões em comportamentos aceitos e até mesmo desejáveis, há uma forte idealização destes. Os *looks*, as preferências culturais e os comportamentos específicos dos adolescentes são transformados em um ótimo negócio para ser comercializado. Segundo Calligaris:

É quase impossível, para o adolescente, se afastar da interpretação do desejo do adulto por duas razões. Primeiro, porque o acesso à idade adulta em nossa cultura não é regado por um ritual, mas depende de um olhar, de um consenso que nem sabe articular suas condições. Portanto, é necessário procurá-lo interrogando e interpretando o desejo dos adultos. Segundo, por uma espécie de pecado original próprio a uma cultura que idealiza a autonomia. (...) através de todas as suas variantes, o adolescente sempre encarna o maior sonho de nossa cultura: o sonho

de liberdade. Ou seja, por tentar dispensar a tutela do adulto, a rebeldia adolescente se torna uma encenação do ideal cultural básico. (...) Tudo leva a fazer da adolescência um ideal cultural. É até bem possível que a adolescência surja na modernidade como ideal necessário (2010: 56, 57).

Fica assim a questão de analisar se a adolescência não surgiu justamente porque a sociedade moderna precisa dela como ideal. Como lembra Calligaris, a adolescência é um fenômeno do último século, visto que antes era apenas uma faixa etária, e não um grupo social, um estado de espírito ou muito menos um ideal cultural a que os adultos tentam imitar. Até os anos 60, o ideal dos adolescentes era a idade adulta, mas aos poucos isso se inverteu. Ao tentar identificar o desejo dos adultos, perceberam que o ideal dos adultos era os adolescentes. Nesse sentido, o autor afirma que a adolescência se torna um ideal dos adultos, sendo este um ideal identificatório. Alberti (2009) concorda, ao afirmar que a adolescência se tornou um traço identificatório. É como se o adolescente fosse um adulto de férias, uma imagem de nós mesmos gozando, felizes. Os adultos encontram nos adolescentes um prazer narcisista.

É importante não perder de vista que refletir sobre o imaginário social é indispensável para uma possível compreensão sobre a constituição subjetiva dos adolescentes. Segundo Rosa:

(...) as problemáticas do sujeito em relação à lei e da lei em relação ao sujeito resultam do modo como se estruturam os laços sociais, não somente na atualidade, mas também na história. Faz-se então necessário explicitar as fantasias dos grupos sociais, expressas nos enunciados, tomando, ao longo da história, alguns dos lugares tomados pela criança e pelo jovem, lugares estes que produzem discursos diferenciados, dependendo desde o sexo da criança até o estrato social. Ressalto a ideia de que é a partir de certa fantasia sobre parentalidade, família, sexualidade e domínio que alguns são percebidos como criança ou filho e podem, ou não, ser inseridos no discurso, ter acesso à escuta, à palavra, ao gozo, à cidadania.(...) É nesse sentido que as fantasias dos grupos sociais que atribuem lugares específicos à criança e ao jovem no imaginário parental são elucidativas (...) (2009: 69,70).

Para Melman (1999A), a adolescência representa em nossa cultura uma *crise psíquica*, visto que a passagem da infância à vida adulta se dá hoje, muito frequentemente, de uma forma disruptiva, não homogênea e sem diretrizes oferecidas pela sociedade, diferentemente do que ocorre em culturas onde existem os ritos de iniciação. Com isso, é possível concluirmos que o termo adolescência foi criado pela nossa sociedade para dar conta de algo dela própria.

3.2

A Entrada na Adolescência: uma Visão Psicanalítica

Falar sobre a adolescência nos remete ao estranho, ao desconhecido/conhecido (*unheimliche*), mesmo que todos nós tenhamos passado por ela. Existe, em nossa sociedade, um mistério ao se tratar desse tema, pois somos diretamente levados a falar de sexualidade, dos pais e, sobretudo, daquilo que em nós mesmos foi recalcado.

O termo *adolescere* vem do latim *adolescere*, e significa crescer, brotar, desenvolver-se, fazer-se grande, fortificar-se (Houaiss, 2001). Podemos dizer que a adolescência é um período do desenvolvimento biopsicossocial situado entre a infância e a vida adulta. No entanto, trata-se de algo muito mais complexo do que um simples ponto na linha do desenvolvimento ou um tempo cronológico.

A adolescência será tratada aqui como um tempo de despertar da sexualidade que se dá através do retorno das pulsões parciais infantis recalcadas no período da latência. Um tempo em que um árduo trabalho psíquico é feito para que se elabore o luto pelo corpo infantil idealizado repentinamente perdido, luto pelo amor dos pais àquela criança também perdida, luto pelos pais idealizados, luto pelos cuidados infantis, luto da bissexualidade. Na adolescência o sujeito é chamado a responder pela exigência de tomada de posição social, sem depender totalmente da resposta de seus pais, até então imprescindível. Diante de todas essas questões, podemos dizer que a adolescência é um momento de crise que tem importantes influências na vida adulta do sujeito.

Com Freud, encontramos os termos *jovem*, *escolar* e *puberdade*, compreendendo tanto as transformações corporais quanto as psíquicas, onde sempre teremos em mente o período logo após a latência. Mas seja qual nome se dê a essa fase da vida, trata-se de um período de transformação intensa, no qual há uma ruptura do equilíbrio pulsional obtido na latência. Com isso, uma nova ordem é instalada: a da primazia do falo.

Em seus “Três Ensaios Sobre a Sexualidade” de 1905, Freud dedica um capítulo inteiramente para tratar das transformações da puberdade. Para Freud, a puberdade “(...) é como a travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades” (1905: 196), o que nos faz pensar na força do despertar da sexualidade, a ponto de fazer romper, impor uma nova posição de sujeito. Esse

redespertar pulsional vem logo após a latência, e impõe uma mudança corporal irreversível, gerando, com isso, uma intensificação das fantasias e das buscas identificatórias através dos grupos.

Na concepção freudiana, é na puberdade que a vida sexual chega a sua configuração definitiva. Isso porque, na infância, a pulsão era predominantemente auto-erótica e a partir da puberdade, ela vai ao encontro de um objeto sexual. Ou seja, na adolescência ocorre uma espécie de segundo tempo da sexualidade, pois o adolescente deve abandonar o autoerotismo em detrimento da escolha de objeto. Revivendo o complexo de Édipo, ele deve fazer um desligamento das figuras parentais para que possa escolher um novo objeto externo. Há, por assim dizer, uma reedição das pulsões parciais da infância, sendo estas agora organizadas a partir de um único referencial: o da genitalidade. Com a chegada da puberdade, as pulsões parciais se conjugam e as zonas erógenas são submetidas à primazia da zona genital- a primazia do falo.

O processo do encontro com o objeto é guiado pela afeição infantil pelos pais ou cuidadores reavivada na adolescência, porém desviada pela barreira do incesto, e então orientada para outras pessoas que se assemelham a eles. Poderíamos pensar que com a puberdade e o fato de agora a pulsão sexual procurar um alvo, o caminho mais curto para o filho seria escolher como objeto de sua pulsão as pessoas amadas da infância. No entanto, com a libido amortecida no período da latência, teve-se tempo para erigir a barreira do incesto, excluindo assim a possibilidade dos parentes consanguíneos serem os objetos pulsionais. Essa escolha incestuosa se apresenta nas fantasias, mas não é sem consequência: “com o repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais (...)” (Freud, 1905: 214). Por isso é que percebemos na adolescência um afrouxamento dos laços com a família, justamente aqueles que eram decisivos na infância.

A inclusão numa família fornece um importante amparo ao jovem. Porém, o adolescente deve justamente matar simbolicamente seus pais para que possa responder por si só a demanda que lhe é feita. Sendo assim, com o afastamento dos pais, a sensação de desamparo é intensificada nos adolescentes. Nas palavras de Dolto:

Eis o que ocorre antes da eclosão da puberdade num despertar do imaginário para além da família, no mundo exterior. Ao chegar à adolescência, esse imaginário exterior há de provocar o jovem a dizer que quer sair. (...) vai entrar em sua adolescência saindo da família e se misturando a grupos constituídos, que para ele terão momentaneamente um papel de sustentáculo extrafamiliar. Ele não pode trocar completamente os modelos do ambiente familiar sem ter modelos de trocas. Não são substitutos, mas trocas para a sua tomada de autonomia de adolescente confirmado, que se dará graças aos arranhões e às alegrias, às dificuldades e aos êxitos (...). Ele ou ela (1988: 23).

É neste sentido que, juntamente com esse segundo tempo da sexualidade, Dolto fala de um segundo nascimento. Para ela, a adolescência é uma fase de mutação proveniente de uma morte da infância, assim como é o nascimento e os quinze primeiros dias para o recém-nascido, quando passa de feto à criança. Este fato demonstra como o adolescente é frágil- “a adolescência é um tempo de muda que acarreta fragilidade” (Dolto, 1988: 108)-, e sensível ao olhar e às palavras daqueles que lhe são importantes. Para ela, é essa extrema fragilidade que faz com que muitos adolescentes se defendam do contato com o outro através do negativismo ou da depressão. Calligaris (2010) afirma que a adolescência é a época da vida campeã em fragilidade. Para ele, a insegurança é o traço próprio da adolescência, pois o que o adolescente vê no espelho sempre deve muito ao olhar do outro.

Dolto indica, através da leitura de Rousseau, que nós humanos nascemos em duas etapas: uma para existir, para a espécie; e a outra para viver, para o sexo, que seria a adolescência. A adolescência é justamente esse tempo de um segundo despertar sexual. A partir do redespertar pulsional, é com o real do sexo que o adolescente se depara, introduzindo alguns complicadores, como a nova imagem corporal, o outro sexo e o investimento objetal. Mas o adolescente ainda não está inscrito no mundo adulto e, portanto, o sexual não é acompanhado de uma vivência capaz de sustentar uma posição na vida cotidiana. Nesse sentido percebemos, sobretudo, a importância dessa tomada de posição subjetiva que deverá ser acatada na adolescência. Nas palavras de Rousseau: “É aí que o homem nasce verdadeiramente para a vida (...). Até aqui, nossos cuidados foram apenas brincadeiras de criança; só agora assumem importância real” (Rousseau, apud Dolto 1988: 46).

Segundo Dolto (1988), o adolescente é, para os adultos que o cercam, objeto de questionamento carregado de angústia. Os pais temem a adolescência de

seus filhos justamente porque vão reviver a sua própria. Em contrapartida, os adultos existem justamente para ajudar os adolescentes a enfrentar as novas responsabilidades, exercendo com isso um papel fundamental em suas vidas. Ou seja, é a projeção dos adultos que fará com que a adolescência se prolongue ou não, e a ansiedade sentida pelos pais é o que mais pode comprometer a autonomia do adolescente. Portanto, é possível afirmarmos que se há uma crise da adolescência, há também uma crise dos pais que revivem o pulsional recalcado, além de ter que fazer um luto de seus filhos enquanto crianças (Alberti, 2009).

Para Calligaris, a dificuldade dos adultos de lidarem com o adolescente se deve ao fato deste ser um intérprete do desejo inconsciente do adulto:

O adolescente é ótimo intérprete do desejo do adulto. (...) O adolescente acaba atuando, realizando um ideal que é mesmo algum desejo reprimido do adulto. Mas acontece que esse desejo não era reprimido pelo adulto por acaso. Se reprimiu, foi porque queria esquecê-lo. Por consequência, o adulto só pode negar a paternidade desse desejo e se aproveitar da situação para reprimi-lo ainda mais no adolescente (2010: 27).

É como se o adulto pedisse para o adolescente fazer o que ele, adulto, deseja e não o que ele lhe exige, o que leva o adolescente a atuar. Seguindo este raciocínio, se os adolescentes são considerados pelo adulto uma ameaça à ordem e à paz familiar, uma espécie de patologia social, é porque na verdade esta diz respeito aos desejos recalcados pelo próprio adulto.

3.3

A Problemática da Identificação

Saggese (2001) nos mostra que há, na adolescência, um remanejamento das identificações infantis. A passagem de criança a adulto, como já afirmei anteriormente, implica num assassinato simbólico dos pais, no sentido de haver uma ruptura com as identificações passadas. Segundo o autor:

O que está em jogo na adolescência é mais do que uma *troca de penas*-identificação imaginária-, mas a capacidade do sujeito de integrar-se no campo sócio-simbólico, que testa sua capacidade de resposta desde o plano da identificação simbólica fundante. Assim, os transtornos do narcisismo adolescente (como a profunda preocupação que as transformações corporais trazem ao púbere) são correlatos às oscilações do ideal do eu que o sustenta e que sofre injunções advindas do campo social (2001: 83).

Dito de outra forma: é na adolescência que o sujeito se vê na situação de responder por si só à demanda que lhe é feita. Para que possa fazer isso, deve abandonar suas teorias infantis recorrendo ao que foi sua constituição subjetiva, ou seja, suas identificações primordiais. Para compreendermos como se dá esse remanejamento identificatório, é importante nos determos alguns instantes no conceito de “estádio do espelho” formulado por Lacan (1949) e, posteriormente, no conceito de identificação.

Para Lacan, o Eu se constitui a partir de relações com suas imagens ideais. O bebê, por volta dos seis meses, já reconhece como sua a imagem que vê refletida no espelho, e manifesta grande alegria ao vê-la. Segundo o autor, a imagem de seu próprio corpo refletida no espelho surpreende o bebê, pois é uma imagem antecipatória, no sentido de que antecipa uma certa integridade corporal que naquele momento o bebê não possui:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans*, parecer-nos-á, pois, manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. Essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu] – ideal (...) (Lacan, 1949: 97).

Portanto, o bebê se identifica com uma imagem que na verdade é uma promessa daquilo que virá a ser. Em outras palavras, ele se identifica com o que ainda não é- com um fantasma-, mas que acredita ser, ou seja, o Eu do bebê não corresponde a uma imagem real. Sendo assim, para que possa se apoderar dessa imagem e ganhar corpo, o bebê necessita do testemunho do olhar do Outro. A criança busca o adulto para encontrar, ali, no olhar do Outro, a confirmação do que ela vê no espelho. É o olhar do Outro que irá produzir, por reflexo, a constituição narcísica do sujeito. Com isso, este fica preso desde muito cedo a uma ilusão, a qual procurará se aproximar pelo resto da vida. Constitui-se assim o Ideal do Eu.

É importante ressaltar que não se trata aqui de uma etapa do desenvolvimento, e sim de um traço de estrutura; o estágio do espelho constituiu um modo de funcionamento psíquico que operará durante toda a vida: “(...) o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência

para a antecipação e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará todo o seu desenvolvimento mental” (Lacan, 1949: 100).

Na adolescência, juntamente com a mobilização dos significantes mestres, há ainda uma grande mudança corporal. A imagem na qual o sujeito se encontrava alienado é alterada, ocorrendo uma desorganização imaginária. Com isso, a imagem especular deve ser modificada de tal forma que o Outro e o objeto em questão adquiram outro valor psíquico. É apenas convocando os elementos da identificação simbólica que o adolescente poderá ultrapassar esse período crítico.

Devemos fazer um desdobramento para os conceitos de identificação imaginária e simbólica. A identificação imaginária diz respeito a uma imagem que nos faz merecedores do amor do outro, e se constitui *para* um olhar do Outro- o Eu Ideal. O que está em jogo aqui é a semelhança, a aparência, tendo como base a noção de complementaridade. Já a identificação simbólica se constitui *a partir* do olhar do Outro; diz respeito ao ponto de onde somos observados para a avaliação se somos dignos de amor- o Ideal do Eu. Nesse caso, temos um traço do Outro que escapa à imitação, e é esse traço que possibilitará a articulação de todo o universo de identificações. Nesse sentido, elas não estão situadas num mesmo nível (Saggese, 2001).

Juntamente com a formação do Eu Ideal, a identificação simbólica consiste no nascimento do sujeito inconsciente, sendo tomada como a produção de um traço singular que unifica o conjunto de significantes; um traço unário, um signo que marca a interiorização do Outro, constitutiva do Ideal do Eu e entendida como uma introjeção simbólica. Ao se comparar a um ideal- Ideal do Eu-, o adolescente ordena o emaranhado de identificações imaginárias, como se houvesse uma âncora, que seria um registro simbólico internalizado, e que lhe indica o lugar de onde pode ver-se como indivíduo no mundo (Saggese, 2001).

Com isso, percebemos a importância da função do olhar do outro nas crises identificatórias, pois a relação que temos com nossa imagem é uma relação essencialmente libidinal. Investimos libidinalmente na imagem. Isso implica que em nossa imagem estamos nós mesmos. Ela é constituída por nossa posição subjetiva, ao mesmo tempo em que é sempre alteridade. Para se sustentar psiquicamente, o sujeito precisa se apoiar no Ideal do Eu dado pelo Outro. O Eu é investido libidinalmente, mas é estritamente dependente do outro especular. Na relação inaugural com o Outro, o sujeito investe o objeto- que é o Eu- por meio de

sua imagem especular. Nada de objetivo que aconteça na imagem poderá ser percebido pelo sujeito se não passar pelo Outro.

Segundo Saggese (2001), é o conceito psicanalítico de Ideal do eu que pode dar conta da crise da adolescência. Isso porque as vicissitudes do Ideal evidenciam a integração ou a desintegração do sujeito nesse momento em que é convocado a resgatar suas identificações mais primitivas para que possa, depois de remanejá-las, responder por si só à demanda sexual que lhe é imposta. Nas palavras do autor:

O impedimento da resolução de certas crises da adolescência liga-se à incapacidade do adolescente que deve, a partir da sua identificação simbólica fundante, responder às injunções que a sociedade lhe propõe. A necessidade, produzida pela sociedade, de remanejar antigas identificações, gera respostas sintomáticas do adolescente. As dificuldades de conciliar as exigências atuais com as do ideal que carrega resultam em diferentes níveis de fracasso, sendo o mais graves deles a psicose (...). A compreensão dos mecanismos imaginários e simbólicos que vão dar consistência ao sujeito remete a importantes questões psicopatológicas da adolescência (2001: 86).

Dito de outra forma, o redespertar pulsional coloca ao adolescente a difícil tarefa de ter que ocupar uma posição sexual. Para isso, o adolescente deve questionar as identificações feitas durante o Édipo, questionamento este que só pode ocorrer através da interrogação dos significantes mestres. É apenas a partir destes significantes que o sujeito poderá dirigir-se ao outro como objeto de desejo, um substituto de seus objetos primitivos. A angústia do adolescente vem justamente disso, pois para abordar o outro é preciso que o sujeito tenha onde se apoiar simbolicamente, interrogando o pai em sua função. Diante a imposição de torna-se adulto, o adolescente se defronta com as vicissitudes do ideal, já que é o Ideal do Eu que orientará o sujeito a se inserir no contexto sócio-simbólico. Se há dificuldades de conciliação ente as exigências sociais e as do ideal que já carrega, o adolescente responderá de forma sintomática (Saggese, 2001).

Com “Psicologia das massas e análise do ego” (1921), Freud nos mostra que a gênese do Ideal do Eu se relaciona com a identificação ao pai, sendo esta identificação direta, mais primitiva do que qualquer investimento objetal, e fundamental para a formação do Supereu. Mais cedo, em 1909, no seu texto “Romances Familiares”, Freud afirma que o que ocorre na adolescência é que,

pela primeira vez, o adolescente descobre que o pai da vida real não corresponde ao pai idealizado da infância.

É como se houvesse, na adolescência, uma hipertrofia da identificação imaginária para dar suplência a carência de identificação simbólica. Sendo que hoje isso é ainda mais acentuado, pois somos constantemente impregnados de imaginário. Atualmente, essa discordância entre o pai ideal e o pai real é acentuada, deixando nítida a carência paterna na adolescência. Há falhas de nomeação, um desfalecimento da função paterna num tempo em que o adolescente deveria justamente resgatar suas identificações fálicas:

O pai do ideal não encontra correspondente no pai que a realidade concreta apresenta. Essa discordância entre Um Pai- enquanto fundador de uma função ideal- e o pai da filiação é marca das sociedades modernas, onde os ideais flutuam e o pai-de-família perdeu os emblemas e os brasões que em outras épocas imaginarizavam seu lugar simbólico (Saggese, 2001: 89).

É verdade que poderíamos dizer que todas as identificações do Eu são emprestadas, na medida em que sabemos que o Eu é um emaranhado de identificações com o outro. No entanto, a partir do registro simbólico, uma lei vem legitimar todos os empréstimos. Essa legitimação passa pela questão do pai, pois é o nome do pai que vai amarrar a identificação simbólica.

Para Melman (1999B), é comum que hoje as famílias se sintam impotentes e acabam por se tornar impotentes diante da liberdade que a sociedade dá aos adolescentes, que naturalmente agem de acordo com esses parâmetros. Este fato leva o adolescente a uma situação difícil, já que, segundo o autor, o momento da adolescência é, sobretudo, estar contra o pai e crer-se além do pai. É preciso deixar claro que se trata aqui do pai enquanto instância, e não o pai da realidade.

3.4

A Clínica com Adolescentes: a Clínica do Ato

Para Manfroni (2011), o adolescente tem dificuldade com tudo àquilo que é da ordem do simbólico, e se caracteriza pela passagem ao ato. O psicanalista teria a tarefa de dar lugar à palavra ali onde só há ato. Segundo a autora, os atos adolescentes vêm sem a mediação da palavra, e se fundamentam numa grande dificuldade com o laço social. Com isso, o desafio do psicanalista seria o de levar

o adolescente a colocar seu ato em palavra ao invés do ato sem a dimensão de fala, esse que supõe sempre uma dimensão violenta da ação.

Segundo a autora, a dificuldade que o adolescente tem com o recurso da simbolização leva a problemas como as injunções da linguagem que se assemelham aos da psicose. Não é a toa que os surtos psicóticos se dão, na maioria dos casos, no período da adolescência. Para ela, o adolescente vive qualquer fala sobre ele como um perigo real, o que pode levá-lo a prescindir da presença real do outro. Sendo assim, aquele que emite a palavra também pode ser contaminado por esse perigo, o que torna o trabalho do psicanalista com o adolescente bastante delicado.

Ainda com Manfroni (2011), para se defender do perigo real que a palavra traz para o adolescente, este a tratará como objeto imaginário ou irá destituí-la, dando-a todo o sentido ou sentido algum. O analista não deve ser nem educativo e nem punitivo, mas sim deve acolher seus sintomas, convidando-o a falar. Se a adolescência é esse momento onde o sujeito irá tomar pela primeira vez a palavra em seu próprio nome, o espaço analítico é o lugar onde ele encontrará as melhores condições para esta assunção. O sujeito deve conseguir, na análise, começar a se interrogar, reconhecendo-se em seus sintomas, acessando o simbólico e barrando a imaginarização, tão própria dos adolescentes.

Em concordância com essa visão, Alberti (2009) pensa que o adolescente se coloca efetivamente a questionar o simbólico, ou o evita. Eis, para ela, a dificuldade do psicanalista. Este não deve saber o que é melhor para o adolescente como também não deve pretender explicá-lo.

Segundo Dolto (1988), é comum que os adolescentes cheguem com sintomas somáticos, como acne, escoliose, astenia, entre outros; ou que se defrontem com uma espécie de prostração, sem motivação para nada, completamente desamparados, sem saber o que fazer ou o que dizer. Já em análise, oscilam entre a indiferença e uma forte queixa que eles não formulam. Falam pouco, mantêm a cabeça baixa e o contato pode ser difícil de estabelecer. Por não dizer nada, as sessões podem ser frustrantes para o analista, que facilmente é levado a pensar que o paciente não é analisável. Mas é preciso suportar o silêncio e o tomar como sendo sinal de uma boa relação. É muito comum que o adolescente nada fale, mas mesmo assim fique satisfeito ao final da sessão, achando que falou muito. Nas palavras da autora:

No momento de sua muda, o adolescente fica mudo quando tem que falar daquilo que sente, pois as palavras mudam de sentido (...). O adolescente por seu silêncio julga ter dito tudo. O psicanalista que não tem medo do silêncio é para ele um interlocutor privilegiado (1988: 114).

Para Dolto, hoje há uma forte tendência de psiquiatrizar demais os adolescentes, mas é a psicanálise que pode ajudá-los quando houver alguma dificuldade de percurso, pois esta não se preocupa com seu comportamento, e sim com seu sofrimento. Mesmo que o adolescente não fale, é possível, segundo a autora, trabalhar de inconsciente em inconsciente. Uma relação estável, pontual e que não o julgue é extremamente propícia para ajudá-lo. É importante que se estabeleça uma confiança, e que o adolescente tenha certeza de que o analista nada falará a seus pais sem que antes converse com ele. Muitas vezes, os adolescentes falam dos outros para que assim falem de si mesmos. Como são os desenhos para as crianças.

Para Násio (2013), o adolescente tem dificuldade em identificar, nomear e declarar o que sente, e por isso o psicanalista deve agir como um parceiro de palavras, escutando, acompanhando e favorecendo a introspecção do sujeito. Segundo Gaspar et al. (2011), o traumático que é próprio da adolescência poderá apresentar-se na transferência. O analista funcionaria como um auxiliar no trabalho de representação daquilo que foi traumático. Para as autoras, é através da transferência que é possível reincitar no analisando a pulsão a criar, a construir fantasias.

Com essas questões clínicas, fica nítida a dificuldade do adolescente com o que é da ordem do simbólico. É nesse ponto que percebemos a questão da adolescência e da passagem ao ato numa sociedade que apresenta novas formas de mal-estar. É sobre a passagem ao ato que pretendemos levantar questões no próximo capítulo.

4

A Passagem ao ato na Adolescência

4.1

Sobre o mecanismo da passagem ao ato

Como vimos no capítulo anterior, há um abalo intenso do narcisismo na adolescência. Isso porque o Eu, estruturado a partir do narcisismo, é uma instância psíquica que procura esquivar-se de mudanças que poderiam provocar o desprazer. Sendo assim, as transformações da puberdade ameaçam a integridade egóica na medida em que demandam ao Eu que dê conta de uma reorganização subjetiva em diversos planos. O único outro aceitável para o Eu é o seu outro especular encarnado pelo Eu Ideal. No entanto, o luto desencadeado pelo abandono das figuras parentais como objeto de desejo contribui para o enfraquecimento narcísico do sujeito adolescente (Savietto, 2006).

Para lidar com o desamparo que emerge quando o sujeito não pode mais se sustentar como antes neste Eu Ideal garantido pelo investimento dos pais, o Ideal do Eu deverá buscar novas ancoragens para que possa fazer a sua função de guiar a relação do sujeito com o outro. Se nesse momento não conseguir constituir novas referências que o ajude a transpor as identificações e idealizações da infância, um adolescente pode se precipitar numa descarga pulsional imediata no real através das passagens ao ato. Sendo assim, a experiência do desamparo vivida na adolescência tem como resposta a passagem ao ato:

As passagens ao ato representam uma resposta elementar diante de um estado de desamparo na qual uma pulsionalidade demasiadamente forte ultrapassa os limites psíquicos de representação e ameaça a integridade egóica (...). Na adolescência, esse estado de desamparo é especialmente revivido em razão da ativação de novos e violentos aspectos pulsionais, desencadeada pela genitalização própria a puberdade (Savietto, 2006: 26,27).

Segundo Capanema & Vorcaro (2012), a adolescência seria, ela mesma, a manifestação de modalidades distintas de ato praticado pelo sujeito frente ao encontro sempre faltoso com o sexo, à escolha de sua identidade sexual e à falta

de referências simbólicas. Nesse sentido, é possível afirmar que a força pulsional que ocorre na adolescência faz um furo no simbólico. Para as autoras, o ato na adolescência surge como a última barreira contra a angústia, numa tentativa de inscrição:

Podemos considerar a adolescência como exemplar para se pensar a questão do ato como um atravessamento. A passagem da adolescência comporta um ato. Ao entrar nesse "túnel perfurado de ambos os lados" (FREUD, 1905/1989, p.195), torna-se necessário sair, renascer de outro jeito: entra-se como um, mas nunca é possível sair do mesmo modo. Esse tempo da adolescência é um tempo de concluir, no qual o sujeito tem pressa, precipitando-se em atos. (...) Do ato, sabe-se apenas de sua insistência. Nesse funcionamento, os atos, comumente, constituem uma série de tentativas de inscrição (Capanema & Vorcaro, 2012: 157).

A passagem ao ato é, portanto, uma resposta rudimentar, que nos remete ao traumático, àquilo que é irrepresentável. Como vimos, a adolescência por si só pressupõe vivências traumáticas e violentas a partir do excesso pulsional, da fragilidade narcísica e egóica. O trauma, presente durante toda a teoria freudiana, tem origem na língua grega, trazendo a ideia de ferida, fenda ou perfuração. Inicialmente concebido por Freud como sendo decorrente de uma sedução sexual real sofrida pelas histéricas, o trauma posteriormente diz respeito aos aspectos disruptivos da vida pulsional, àquilo que é inassimilável pelo ego, um excesso que invade o psiquismo não sendo possível simbolizá-lo, integrá-lo ou recalá-lo. Com isso, Freud dá a mesma importância para a vida "real" e a vida psíquica, pois o trauma configura uma situação de violência psíquica. Sendo assim, o traumático tem relação direta com a pulsão, mais especificamente a pulsão de morte e a compulsão à repetição, que tem seu advento nesse momento (Padrão et Al., 2011; Gaspar et Al., 2011).

A passagem ao ato como uma defesa, portanto, diz respeito a uma tentativa do sujeito de passar de uma posição passiva, do ponto de vista psíquico, onde o ego não consegue ligar a energia pulsional que irrompe no psiquismo, para uma posição ativa, onde há uma exteriorização de algo que é interno (Gaspar et Al., 2011). A passagem ao ato substitui o trabalho de elaboração psíquica. Há uma espécie de curto-circuito, com uma enorme convocação do corpo, o que nos remete a precariedade dos processos de simbolização. Ou seja, "por não possuir recursos para a elaboração de seu drama interior, o adolescente pode acabar

recorrendo a uma atuação dramática” (Savietto, 2006: 25), passando do impulso diretamente à ação, sem efetuar nenhum trabalho de elaboração psíquica.

Lacan utiliza o termo “largar de mão” para se referir à passagem ao ato. De acordo com o autor, “O momento da passagem ao ato é o do embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento” (1963:129), em que existe um paradoxo: um sujeito que deve responder em seu nome próprio, ao mesmo tempo em que despenca da cena, da cadeia significante, numa espécie de fuga. Podemos extrair dessa ideia a lógica da passagem ao ato: o sujeito se encaminha para se evadir da cena.

É preciso aqui uma pequena digressão para diferenciar a passagem ao ato do *acting out*. Neste último, o ato é determinado por fatores inconscientes, e é possível que se perceba nele um significado oculto, como, por exemplo, os lapsos e os atos falhos. O conteúdo mental é endereçado a um outro, e não se restringe a pura descarga pulsional, como ocorre na passagem ao ato. Sobre o *acting out*¹, Lacan enfatizou: “Tudo que é *acting out* é o oposto da passagem ao ato” (1963: 136). Isso porque aqui, diferentemente da fuga que ocorre na passagem ao ato, o sujeito permanece na cena. Nas palavras do autor: “O *acting out* é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo o *acting out*, sua orientação para o Outro, deve ser destacada” (IBID: 137).

Diferentemente do que se pode pensar, o *acting out* não é o mesmo que um sintoma. O sintoma não precisa ser endereçado e se basta por si só. Já o *acting out* “clama pela interpretação” (Lacan, 1963: 140), tratando-se inclusive de um apelo ao Outro. O *acting out* é o início da transferência: “É a transferência selvagem. (...) a transferência sem análise é o *acting out*. O *acting out* sem análise é a transferência” (1963: 140). Podemos com isso dizer que o *acting out* é uma mensagem encenada ao analista.

Voltemos agora à passagem ao ato. É preciso não perder de vista a premissa freudiana feita ainda em 1901, em “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana”, de que os atos são significantes e que não podem ser opostos à

¹ É preciso lembrar que a distinção não só descritiva, mas, sobretudo, metapsicológica entre o *acting out* e a passagem ao ato feita por Lacan (1963) não foi incorporada por psicanalistas de outras orientações teóricas. Os textos psicanalíticos em língua inglesa geralmente traduzem passagem ao ato por *acting out*, ignorando as nuances da distinção conceitual proposta por Lacan.

linguagem. Nesse sentido, querem dizer algo quando esse algo não pode ser dito em palavras. Para Alberti (2009), a passagem ao ato é um ato que se diz, mas que na verdade é executado com todo o desconhecimento de sua causa.

Segundo Capanema & Vorcaro (2012), o adolescente experimenta a precariedade do campo simbólico. O correr risco, o ato, surge aí como um pedido para ser limitado, autenticado por uma marca simbólica. É no ato que o adolescente produz essa marca, e por ela reivindica seu lugar simbólico. A passagem ao ato ocorre, portanto, quando o *acting out* falha em sua dimensão de convocação e endereçamento:

Nesse contexto, o ato aparece como uma saída cada vez mais recorrente, pois o Outro é muito inconsistente. O adolescente, diante do excedente de gozo despertado no encontro com o real, e não dispondo do recurso ao Outro do simbólico, pode descobrir, como solução, a passagem ao ato. A passagem ao ato é esse desligamento radical do Outro. Contrariamente ao *acting out*, que vem no lugar de um dizer, ela é um "eu não quero dizer", que promove uma separação radical com o Outro, indiferente ao futuro, e colocando em jogo o seu ser, abandonando a dúvida para chegar a uma certeza. São atos que não possuem uma causa aparente, pois se conjugam com o objeto *a* - objeto inassimilável pelo significante - com o que, do real, faz buraco no simbólico (Capanema & Vorcaro 2012: 156/157).

Segundo Lacan (1963), o que está em jogo no suicídio é a passagem ao ato. Por trás da passagem ao ato temos um dar as costas ao Outro, fugindo da cena, da angústia e da divisão do sujeito, o que só poderá ter êxito no suicídio. Nesse sentido, para ele o suicídio seria o único ato que não é falho, o único ato bem-sucedido, no qual nada mais dirá ao sujeito o caminho a seguir. No suicídio, o sujeito foge do conflito sem medir as consequências de seu ato.

Para Alberti (2009), na passagem ao ato o sujeito se torna aquilo que dele escapa à simbolização, rompendo com o que o mantém como sujeito, interferindo na determinação do Outro. O sujeito, que sempre é determinado pelo Outro, encontra no suicídio, paradigma do ato, uma forma de romper com isso. A autora afirma: “É justamente como enigma deixado ao Outro que a passagem ao ato pode, a posteriori, ser reveladora (...)” (2009: 84).

Podemos afirmar que certos usos abusivos de drogas, os comportamentos violentos, os cortes no próprio corpo, os comportamentos de risco, e em sua forma mais radical, o suicídio, todos tão comuns na adolescência, são algumas

manifestações da passagem ao ato. É sobre os cortes e, posteriormente, o suicídio que nos deteremos a seguir.

4.2

Sobre os cortes

O fenômeno da automutilação tem sido observado em muitos adolescentes. É comum que os jovens afirmem se cortar para, segundo eles, aliviar a ansiedade. Diante de angústias que não conseguem dominar, por vezes, os adolescentes buscam sensações que os reasseguem e através da dor que eles próprios se infligem tentam contê-las. Recorrem a feridas físicas que podem controlar para diminuir o sofrimento psíquico, deixando de serem vítimas passivas para tornarem-se ativos nos limites que se impõem.

Partindo da premissa de Freud de que o Eu é, antes de tudo, um Eu corporal, e que toda a atividade psíquica se estabelece sobre uma função biológica, Anzieu (1989) desenvolve a noção de um Eu-pele que pode nos ajudar a compreender o fenômeno dos cortes no corpo exercidos pelos adolescentes. O Eu-pele diz respeito a um continente psíquico que protege o sujeito de um esvaziamento e evita os riscos de despersonalização:

Por Eu-pele designo uma representação de que se serve o Eu da criança durante fases precoces de seu desenvolvimento para se representar a si mesma como Eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir da sua experiência da superfície do corpo (Anzieu, 1989: 61).

Para Anzieu, o bebê só pode perceber sua própria pele como uma superfície através da experiência de contato de seu corpo com o corpo da mãe. As estimulações através de atividades como acariciar, carregar, manipular, lavar, entre outras, são sentidas pelo bebê como uma mensagem- “a massagem se torna uma mensagem” (1989: 61)-, e o conduzem progressivamente a uma diferenciação do dentro e do fora, proporcionando com isso a experiência de um continente. Sendo assim, a noção de um limite é instaurada, individualizando o bebê e servindo de base para a integridade de seu envelope corporal.

Nesse sentido, “a instauração do Eu-pele responde à necessidade de um envelope narcísico e assegura ao aparelho psíquico a certeza e a constância de um

bem-estar de base” (1989: 61). A pele não apenas contém e retém o bom armazenado, como também serve de interface que marca o limite com o exterior e um meio primário de estabelecimento de relações significativas, ou seja, é o lugar primordial das sensações vindas do exterior e também do interior. A pele tem uma importância fundamental para o desenvolvimento psíquico do sujeito, pois a aprendizagem das palavras requer o estabelecimento anterior das comunicações pré-verbais que são transmitidas através do contato do corpo da mãe com o corpo do bebê. Em outras palavras, o Eu-pele possibilita a capacidade de pensar.

Nesse momento tão primitivo, os dois corpos, o da mãe e o do bebê, formam uma pele comum numa união simbiótica. Essa superfície comum assegura uma comunicação sem intermediários, que os mantém ligados, mas que esboça uma separação futura. Segundo o autor, essa separação implica o desaparecimento da pele em comum e o reconhecimento de que cada um tem sua própria pele e seu próprio Eu, o que não acontece sem resistência e nem dor. Se as angústias decorrentes de fantasias da pele arrancada, da pele roubada e da pele assassinada puderem ser superadas, a criança adquire um Eu-pele que lhe é próprio. Ora, vimos que a adolescência é esse momento em que o sujeito deve fazer uma separação simbólica dos pais. Nesse sentido, os cortes na pele podem ser pensados como uma tentativa, em ato, de se separar deles.

Segundo a visão freudiana, o Eu deriva em última instância das sensações corporais, principalmente daquelas que têm sua origem na superfície do corpo. Pode ser, portanto, considerado como representando a superfície do aparelho psíquico. Em continuidade, para Anzieu, “ser um Eu é sentir a capacidade de emitir sinais ouvidos pelos outros” (1989: 87). Sendo assim, muitas vezes o adolescente precisa dos cortes para se fazer ouvir pelos outros e sentir seu Eu.

Anzieu refere-se a uma forma de angústia caracterizada por uma excitação pulsional difusa, permanente e não identificável. A descreve como “um núcleo sem casca”, que leva o indivíduo a procurar “uma casca substitutiva na dor física ou na angústia psíquica: ele se envolve no sofrimento” (1989: 134). O autor conclui que, por vezes, na tentativa de restituir a função de pele continente não exercida pelo círculo humano, o sujeito se auto-infringe um envelope real de sofrimento: sofro, logo existo. Os cortes feitos na pele remetem ao seu envelope corporal, dando a medida do corpo como continente. É uma tentativa desesperada do adolescente de produzir limites, um envelope corporal, uma unidade

identitária.

Para Alberti (2009), o adolescente tem medo do seu corpo e não sabe se servir dele, o que provoca angústia. O trauma vivido em função das mudanças corporais faz com que ele não tenha representações que deem conta de tais mudanças subjetivamente. Sendo assim, os cortes permitem que o adolescente se reencontre consigo mesmo, lhes fornecendo a sensação da existência de seu corpo e, portanto, de sua própria existência.

4.3

Sobre o suicídio

Falar sobre o suicídio nos coloca diante do irrepresentável, que é a nossa própria morte. Freud nos mostra que não há representação psíquica da morte no inconsciente, embora o sujeito não canse de tentar representá-la. Com isso, a morte torna-se algo da ordem do indizível. O tema do suicídio é ainda mais difícil de lidar. Há uma diferença entre enfrentar uma morte “natural” ou ter que enfrentar uma morte por suicídio, onde as pessoas ao redor passam a se indagar sobre o que poderiam ter feito, quais foram os motivos desse ato, culpando-se e interpelando-se. O inominável tema do suicídio faz com que, muitas vezes, este se torne um tabu, cercado de não-ditos. Para a psicanálise, como nos lembra Alberti (2009), o homem não visa apenas a auto-conservação. A compulsão a repetição e as pulsões de vida e morte nos mostram que um ato autodestrutivo pode visar o Bem supremo, que nada tem de auto-conservação.

É curioso constatarmos que no artigo que Freud dedica ao suicídio, “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio” (1910)² ele fale justamente sobre os jovens:

(...) Mas uma escola secundária deve conseguir mais do que não impelir seus alunos ao suicídio. Ela deve lhes dar o desejo de viver, e devia oferecer-lhes apoio e amparo numa época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e da família. Parece-me indiscutível que as escolas falham nisto, e a muitos deixam de cumprir o seu dever de proporcionar um substituto para a família e de despertar o interesse pela vida do mundo exterior. (...) A escola nunca deve esquecer que ela tem de lidar com indivíduos imaturos a quem não pode ser negado o direito de se demorarem

² Vale lembrar que Freud ainda não trabalhava, em 1910, com o dualismo pulsional- pulsão de vida e pulsão de morte tal qual proposto por ele em 1920.

em certos estágios do desenvolvimento e mesmo em alguns um pouco desagradáveis (1910: 243, 244).

Em outras palavras, para Freud, o sistema escolar de sua época não possibilitava o professor- substituto dos pais-, a sustentar suficientemente seu aluno, que sendo jovem, não estaria ainda em condições de enfrentar o mundo adulto. Ou seja, o Outro social não daria conta de sustentar o jovem junto às repressões impostas pela cultura.

Freud nos indica nesse texto a importância de se analisar caso a caso, mas fica clara, já nessa ocasião, sua intenção de analisar a influência da escola. O que significa dizer que Freud dava extrema importância para a influência do meio social no suicídio do jovem. Alberti (2009) nos mostra que Ferenczi também sugeria ser por falta de sustento que uma criança poderia ter dificuldades na manutenção da pulsão de vida. De acordo com Simonsen et Al. (2014), o grupo de pertencimento secundário, como as escolas, podem funcionar como espaço continente, pois oferecem figuras identificatórias substitutivas e reforçam os processos de individuação. Por outro lado, podem provocar conflitos intensos e desorganizadores o suficiente para fragilizar a estrutura narcísica do adolescente, podendo levar a sensações de fragmentação ou de dissolução do Eu.

Cavalcante & Minayo (2004) destacam a importância de uma investigação psico- sócio- antropológica, que leve em conta os fatores intra e intersubjetivos, a dinâmica familiar e os fatores sociais para que possamos compreender o que leva o sujeito a dar cabo à própria vida. É preciso que se faça um estudo retrospectivo sobre a vida do sujeito que se matou para entendermos os motivos que o levaram a isso. As autoras entendem o suicídio como uma última fala deixada pelo sujeito a pessoas significativas ou à sociedade, revelando assim uma riqueza semântica e polissêmica.

Há que se diferenciar o *suicídio* propriamente dito da *tentativa de suicídio* e da *ideação suicida*. O *suicídio* é caracterizado por um ato auto-agressivo global, realizado conscientemente pelo próprio sujeito, quando acredita que este ato deverá causar de um modo eficiente e suficiente o efeito esperado. Já a *tentativa de suicídio* seria um ato não fatal de automutilação, auto-envenenamento ou de intoxicações medicamentosas. Este ato ocorre deliberadamente, porém não há uma intenção de morte. E a *ideação suicida* refere-se ao pensamento de se matar.

Há ainda uma nova categoria que é denominada como *suicídio inconsciente*, em que o sujeito se coloca em situações de risco, com comportamentos autodestrutivos (Cavalcante & Minayo, 2004).

As autoras destacam que o suicídio é um fenômeno humano complexo e universal, pois existe em todas as sociedades conhecidas e estudadas. Há alguns modelos explicativos acerca do tema: o senso comum o considera como um desvio de comportamento; já o catolicismo, como uma afronta a Deus; as teorias contemporâneas entendem o suicídio como decorrente de distúrbios mentais, enquanto que algumas correntes filosóficas o compreendem como um ato de suprema liberdade; e estudos neurobiológicos realizados nos últimos anos pretendem explicá-lo através do rebaixamento na atividade serotoninérgica.

Durkheim escreveu, no fim do século XIX, uma obra clássica sobre o suicídio. Procurando objetivar o tema, o definiu como sendo todo caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato praticado pela própria vítima, que sabia que seu ato a levaria a morte, sendo que os mesmos impulsos agressivos estão presentes tanto nos atos homicidas quanto nos suicidas (Cavalcante & Minayo, 2004). Para Durkheim, a morte por suicídio seria a renúncia à existência sendo, portanto, o que nos diferencia como homens dos animais (Alberti, 2009).

O autor classifica o fenômeno em diferentes tipos: o *suicídio egoísta* seria o resultado de uma individualização excessiva; o *suicídio altruísta* seria quando o sujeito se mata por interesses coletivos; e o *suicídio anômico*, atrelado às crises em que há um enfraquecimento das redes sociais. Há ainda o que chamou de *corrente suicidógena*, que seria o aumento desproporcional de casos de suicídio atrelados às transformações sociais, principalmente laborais, ocorridas na Europa no fim do século XIX. Cada vez que se rompe o equilíbrio entre as forças sociais fundadas no ideal moral, forças essas atreladas ao egoísmo, ao altruísmo e a anomia, haveria indivíduos que desapareceriam para restabelecer a homeostase. O suicídio seria, com isso, uma forma comum da sociedade reencontrar seu equilíbrio (Alberti, 2009).

É importante ressaltar, portanto, que Durkheim compreende o suicídio como sendo intimamente atrelado aos fatores sociais que transcendem os indivíduos, e seu incremento varia de acordo com a cultura. Ou seja, as taxas de suicídio refletem uma determinada forma de organização social (Cavalcante & Minayo, 2004; Alberti, 2009). Tal constatação reforça a relação que pretendo

estabelecer entre a alta incidência de casos de suicídio entre jovens atualmente e a nossa sociedade, que muitas vezes deixa os jovens desamparados frente situações de violência.

Cavalcante & Minayo (2004) demonstram que os principais fatores de risco para o suicídio, no que diz respeito ao contexto familiar, são: os lares desfeitos; abuso, ausência e separação dos pais; psicodinâmica familiar depressiva; casos anteriores na família; baixo grau de comunicação dos pais entre si e com os filhos; conflitos duradouros; rompimentos emocionais; perdas reais ou imaginárias; transtornos depressivos; enfermidades graves; falta de perspectiva de futuro; e doenças mentais graves. As autoras observaram em sua pesquisa que por trás dos casos de suicídio analisados ocorreram traumas decorrentes de rompimentos afetivos mal elaborados, dificuldades de processos de diferenciação no interior da família, bem como casos de assédio, o que podemos relacionar com o *bullying* na adolescência, que será posteriormente analisado. É preciso não perder de vista que, mesmo assinalando os principais fatores de risco para o suicídio, é sobre o sujeito que devemos estar atentos, já que não seria surpreendente que um adolescente tenha se suicidado sem que nenhuma dessas características possam ser encontradas em sua história de vida. No entanto, não podemos desconsiderar os fatores encontrados comumente pelas pesquisadoras.

Sobre o adolescente e o suicídio, Alberti (2009) afirma que no jovem a fronteira entre a vida e a morte é muito frágil, pois fica difícil viver quando há uma nova tensão a todo instante. Para a autora, seguindo a visão freudiana, o Eu e a cultura estão em constante oposição na adolescência. A cada nova renúncia pulsional, aumenta-se a culpa, que pode voltar contra a própria pessoa.

Como assinalei anteriormente, adolescência e morte são termos íntimos. É a morte de tudo o que alguém foi anteriormente. Segundo Dolto:

Porque não lhes dizem: “você está na pior fase da vida. Se você não tivesse ideias de suicídio, não seria um adolescente”. É verdade, nenhum jovem pode dobrar o cabo da adolescência sem ter ideias de morte, pois é necessário que ele morra para um modo de relações de infância: ele o fantasia sob a forma metafórica de suicídio. É aí que precisa de alguém para ajudá-lo a histericizar esse fantasma, dando-lhe representações que estão no social. (...) É preciso pensar na morte do corpo para se poder chegar a um outro nível, o do assunto de seu desejo (...) (1988: 104).

É possível afirmar que as fantasias de suicídio não são evitáveis na adolescência, pois fazem parte de sua condição subjetiva. Os adolescentes sentem uma espécie de prazer com as fantasias de suicídio, numa tentativa de posse sobre si mesmo, uma pseudo-apropriação do seu corpo. Vale mencionar aqui a “brincadeira do desmaio”³, tão frequente entre os jovens atualmente, onde os adolescentes chegam à perda de consciência pela apneia. Os amigos pressionam o peito daquele que quer desmaiar, provocando falta de oxigenação no cérebro e, conseqüentemente, o desmaio. Ao desmaiar, é como se o adolescente entrasse em contato com a experiência da morte, numa sensação de se desligar de seu corpo. Pensam que podem ter a mesma sensação das drogas ilícitas, sem os riscos envolvidos nestas, o que é um equívoco. Muitos médicos alertam para o risco desta brincadeira deixar sequelas graves, podendo até ocasionar a morte por conta de uma parada cardiorrespiratória. Mas os adolescentes menosprezam tais riscos numa atitude um tanto quanto onipotente. Nesse sentido, alguns jovens passam ao ato, levando a cabo sua fantasia de suicídio. Se há um retorno das pulsões de morte ao Eu produzindo o suicídio, isso não se dá senão por uma desamarração simbólica das estruturas do Eu ocorridas na adolescência (Malucelli, 1999).

Alberti (2009) analisa um caso de uma jovem de 14 anos que tentou se matar depois de ouvir escondida sua mãe dizer à sua irmã mais nova que ela- a filha mais velha- era má, que logo partiria e que não sentiriam a sua falta. A adolescente fez suas malas e tomou uma grande quantidade de comprimidos. Aqui, por meio dessa sentença do Outro, rompeu-se o que mantinha essa jovem enquanto sujeito, havendo assim uma desamarração simbólica. Não ouve uma palavra que viesse ao seu encontro e a sustentasse psiquicamente, tal como Freud mencionou em 1910 a respeito dos jovens secundaristas. O Outro que deveria sustentar as identificações passa a ser um Outro mortífero: “o ato (suicida) pode vir no lugar onde falta uma palavra paterna que intercepte a fala mortífera da mãe” (2009: 145).

Ainda com Alberti (2009), ali onde o real do sexo emerge, ele é abordado pelo adolescente através do ato, saindo da cena. E o suicídio seria uma resposta ao

³ É possível encontrar diversos vídeos impressionantes dessa brincadeira no site do youtube.com. Segundo a Revista Veja (http://veja.abril.com.br/160708/p_089.shtml), 82 crianças e adolescentes morreram nos Estados Unidos entre os anos de 1995 e 2007 em decorrência desta brincadeira. Na França, a média é de 10 mortes por ano. Não há estatísticas no Brasil.

impossível de suportar do real do sexo, uma tentativa de simbolizar o não-simbolizável. O adolescente suicida se encontra, segundo a autora, diante de um sentimento de despossessão de si, onde não há mais certezas.

Portanto, dado a complexidade do fenômeno do suicídio, não é possível considerá-lo a partir de uma única perspectiva. O desafio apontado por Cavalcante & Minayo (2004) é o de delinear uma hermenêutica psíquica e articulá-la a uma hermenêutica social. É consenso, no entanto, que o suicídio aparece como opção frente a uma situação de desamparo extremo, um forte desejo de fuga por parte do sujeito e uma perda mal elaborada, quer seja esta real ou imaginária. A partir disso, qual seria então o processo psíquico por trás da opção pelo auto-extermínio? Segundo Alberti (2009), na visão psicanalítica o que nos permitirá compreender o suicídio é de um lado a agressividade e seus correlatos- culpa e autopunição-, e de outro o mecanismo da identificação. Em todo suicídio, o sujeito mata um objeto com que se identifica e mata aquele contra quem o desejo de morte se dirige:

(...) a identificação constitui a forma mais primitiva de ligação afetiva a um objeto e toma o lugar de uma ligação libidinal, por via de uma transformação regressiva. É na própria rivalidade edípica que o desejo de morte pode se constituir, lá onde a identificação escamoteia narcisicamente o objeto primitivo do desejo (Alberti, 2009: 137).

Em "Sobre a psicopatologia da vida cotidiana" (1901), Freud coloca os equívocos da ação ao lado dos lapsos da fala. Dentro da categoria de equívocos da ação estão os ferimentos autoinfligidos, os quais englobam o suicídio. Na concepção freudiana, portanto, o suicídio pode ser um desfecho possível para um conflito psíquico. Nesse sentido, seria propulsionado por uma intenção inconsciente que está mascarada por um equívoco na ação, na qual há uma tendência à autodestruição. Freud afirma ainda que há, nos ferimentos autoinfligidos, um compromisso entre a pulsão e as forças que se opõem a ela, que não foram suficientemente fortes para neutralizá-la. Essa pulsão que impele à autodestruição pode ser vista como um prenúncio da pulsão de morte que posteriormente seria desenvolvida por Freud.

Sendo assim, os conceitos freudianos de narcisismo e pulsão de morte nos dão elementos para a compreensão do suicídio, pois quando há um predomínio da pulsão de morte, o sujeito pode dar fim a própria vida. Para Freud, a energia que

poderia levar o sujeito a se matar se origina da pulsão de morte. Alberti (2009) afirma ainda que a puberdade é marcada pela agressividade da separação das figuras parentais. Quando voltam essa agressividade para seus pais ou substitutos, atingem a si mesmos nos ideais que eram os seus. Essa agressividade diz respeito à pulsão de morte.

Tentando, portanto, compreender o mecanismo por trás do suicídio, trabalharemos o conceito de narcisismo de morte postulado por Green. Outros conceitos freudianos importantes são o de luto e melancolia. Em 1910, quando fala sobre o suicídio, Freud afirma que só poderá compreendê-lo a partir do estudo da melancolia, que se torna então a patologia suicida por excelência. É o que será adiante analisado.

4.4

Sobre suicídio e o narcisismo de morte

De acordo com Savietto (2006), o suicídio enquanto a forma mais radical de passagem ao ato seria uma resposta à invasão de um pulsional desligado no Eu, impossibilitado da mediação simbólica. Nesse sentido, ele será entendido aqui como resultado de uma tensão, e não uma fraqueza. Podemos então relacionar a passagem ao ato- o suicídio- e o *narcisismo de morte* postulado por Green.

O termo *narcisismo negativo* ou *narcisismo de morte* foi proposto por Green como uma espécie de complemento ao narcisismo positivo postulado por Freud⁴. A pulsão de morte é vista em termos processuais, no sentido de levar em conta a pulsão e o objeto, sendo entendida numa articulação do intrapsíquico com o intersubjetivo. Não se pode pensar em objeto sem pulsão e nem em pulsão sem objeto. Portanto, não se pode pensar em narcisismo sem objeto.

Na visão de Freud, o narcisismo é a libidinização do Eu. Green trabalha o narcisismo primário como sendo uma tendência ao Zero, na medida em que é entendido como abolição das tensões. Tendo se desviado do objeto, a libido retorna ao próprio Eu, que encontra nele mesmo a satisfação, se dando uma ilusão de auto-suficiência: “O narcisismo é o desejo do Um” (Green, 1976: 59). No

⁴ Para Green, o conceito de narcisismo foi sendo abandonado por Freud ao longo de sua obra. Sendo assim, ele tenta retomar este conceito a partir da 2ª tópica freudiana, enfatizando a relação do narcisismo e da pulsão de morte e articulando, com isso, a teoria pulsional proposta por Freud em 1920 com a teoria das relações de objeto.

entanto, só existe Um na morte. O Eu, na sua tendência à unidade e à unificação, na sua aspiração ao Um, tende a evitar qualquer estímulo, qualquer coisa que o levasse a descontinuidade, tendendo, portanto ao Zero, ao Neutro: narcisismo negativo (Green, 1966/1967, 1969). O narcisismo seria, com isso, uma defesa contra os conteúdos inconscientes, os objetos externos e contra a perda do objeto.

Segundo Green (1969), o narcisismo de morte seria a pura expressão da pulsão de morte no psiquismo, uma expressão da destrutividade radical da pulsão de morte, onde há um desinvestimento massivo do objeto primário. A pulsão de morte é entendida então como desinvestimento, o que afeta o próprio processo de ligação e seus componentes, a saber, as representações, os objetos, as tramas, etc. A meta da pulsão de morte, ao contrário da pulsão de vida, seria a de realizar a função desobjetalizante, na medida em que visa o desinvestimento. A função desobjetalizante é uma tendência ao estado zero de tensão, um anseio por desaparecer, ser atraído para a morte ou para o Nada: “No desligamento que ela apreende são atacadas as relações com o objeto e também o próprio investimento. O desinvestimento constitui-se, portanto, na manifestação própria à pulsão de morte” (Garcia & Damous, 2009: 107).

O *narcisismo de morte* obedece ao que Green denominou como “modelo do ato”, designando uma descarga direta através do ato, que provocaria um curto-circuito na representação, justamente aquilo que vimos ser o mecanismo da passagem ao ato. Com isso, é possível pensarmos no suicídio dos adolescentes como uma expressão do *narcisismo de morte*. Este modelo de funcionamento abre caminho para a compulsão a repetição, porém, mais do que uma compulsão a repetir, seria sim uma compulsão a des- fazer, a des- vincular (Urribarri, 2010).

Malucelli (1999) afirma que no suicídio há um fracasso do narcisismo, pois é como se o sujeito se tornasse assexuado, privado de qualquer desejo. Esse fracasso pode ser relacionado à ideia de *narcisismo de morte*, pois para Green, o *narcisismo de morte* como expressão pura da pulsão de morte é o desejo de não desejar. No *narcisismo de morte*, o sujeito abandona toda a busca de satisfação, e há um desejo de não desejo, justamente aquilo que ocorre com o adolescente suicida. A morte seria sinônimo de alívio de tensão. Não é o desprazer que substitui o prazer, mas sim a ideia de Neutro, de inexistência, de vazio (Green, 1969). O suicídio seria, com isso, um representante do *narcisismo de morte* enquanto expressão da pulsão de morte: “É preciso aqui voltar para a pulsão de

morte onde a morte é a plena realização de sua tendência” (Green, 1966/1967: 114).

Em “Luto e Melancolia” Freud afirma que o Eu só pode se matar se puder tratar a si mesmo como um objeto por conta do retorno libidinal ao Eu. A melancolia, denominada como uma neurose narcísica, é vista por Freud como a pura expressão da pulsão de morte, o que nos leva a pensar na articulação do narcisismo e da pulsão de morte. É justamente essa articulação, a qual Green denominou de *narcisismo negativo*, que nos permite afirmar que o suicídio seria sua expressão mais radical. Para Malucelli, (1999), a agressividade reprimida faz o circuito pulsional dar a volta contra a própria pessoa.

Junto à dessexualização própria do *narcisismo de morte* há uma desintração pulsional, que é a expressão do trabalho da pulsão de morte sobre as pulsões de vida (Green, 1966/1967). Para Green, a agressividade é o objeto dessa desintração. Alberti (2009) parece concordar, pois observa que, para Freud, as pessoas que cometem o suicídio tiveram a pulsão de auto-conservação transformada em seu contrário, e que operou nelas uma grande quantidade de desintração pulsional. Como consequência, houve uma liberação de grande quantidade da pulsão de destruição voltada para o próprio Eu. Ora, vimos que a adolescência é este momento em que o sujeito deve realizar uma dessexualização das figuras parentais idealizadas ao mesmo tempo em que é inundado pelo pulsional, havendo assim também uma desintração das pulsões. Para Green, “a separação entre a mãe e a criança é compensada na investidura narcísica” (1966/1967: 136). Segundo o autor (1969), a perda do objeto provoca a ferida narcísica, fazendo predominar o *narcisismo negativo* enquanto defesa contra o objeto, o que nos faz pensar na melancolia.

4.5

Algumas Considerações sobre a Melancolia

Perda, solidão e imobilidade estão intimamente ligadas ao sentimento de desamparo, característica comum da adolescência contemporânea, o que nos remete também à problemática melancólica. Em 1895, no “Rascunho G. Melancolia”, Freud descreve a melancolia como uma “inibição psíquica, com empobrecimento pulsional e o respectivo sofrimento” (1895: 252),

caracterizando-a por uma falha de representação, uma insuficiência psíquica que chamou de “buracos psíquicos” (1895: 253). Como consequência, há uma “hemorragia interna” (1895: 252), impedindo o sujeito de apreender o objeto exterior. Em 1914, em seu texto “Neurose e Psicose”, Freud define a melancolia como uma patologia narcísica, diferenciando-a da neurose e da psicose. A melancolia seria um conflito entre o Eu e o Supereu, enquanto que as duas últimas, um conflito entre o Eu e o Id e o Eu e o mundo externo respectivamente. Já em 1917, com “Luto e Melancolia”, Freud caracteriza a melancolia como uma identificação ao objeto perdido, onde o sujeito sabe quem perdeu, mas não sabe o que perdeu nesse alguém, o que podemos relacionar a perda de referências que ocorre na adolescência. Freud se dedica, nesta obra, a diferenciar a melancolia do processo de luto. Ora, vimos que a adolescência é esse momento em que o sujeito deve fazer um luto dos objetos primordiais da infância. Nesse sentido, uma articulação entre a melancolia e a adolescência se faz pertinente.

Diversos autores articulam a alta incidência de suicídio na adolescência com a melancolia. Entre eles, Ramalho (2001) afirma que na melancolia há uma identificação ao nada, e através da passagem ao ato, o adolescente teria uma tendência ao fazer-se nada. Nasio, em entrevista a Grassi (2013), afirma que o adolescente deve fazer o luto das instâncias parentais, mas deve ficar atento para que não assuma uma posição melancólica. Brunhari & Darriba (2014) articulam a passagem ao ato suicida à melancolia na medida em que a identificação absoluta ao objeto que ocorre na melancolia, como veremos, é correlata à ausência do sujeito que ocorre na passagem ao ato, como vimos com Lacan (1963). Já para Alberti (2009), o estudo das identificações, das escolhas objetais e da posição do sujeito frente ao Édipo não é suficiente para abordar o suicídio. Faremos então uma breve análise da melancolia.

Segundo Freud (1917), diferentemente do que ocorre no luto, onde após a perda de um objeto o sujeito é capaz de retirar a libido que nele estava investida e ir aos poucos fazendo novos investimentos libidinais, a melancolia se caracteriza por um investimento objetal que é substituído por uma identificação. Ou seja, o Eu se identifica ao objeto perdido e o incorpora. O que ocorre é que ao invés da libido que ficou livre depois da perda do objeto se ligar a novos objetos e fazer novas escolhas objetais, ela se volta para o próprio Eu. Sendo assim, parte do Eu está identificada ao objeto perdido e outra parte o castiga por isso: na melancolia,

“(...) a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial como se fosse um objeto, o objeto abandonado” (Freud, 1917: 254).

Portanto, após a perda do objeto amado, a energia que ficou livre tem um duplo destino: parte volta-se ao próprio Eu por via identificatória e outra sob a forma de sadismo. É justamente esse sadismo que permitiu Freud pensar o suicídio na melancolia: “é exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante - e tão perigosa” (Freud, 1917[1915]: 257).

Segundo Brunhari & Darriba (2014), o sadismo que se dirige ao Eu tem origem no Supereu. É por isso que tais autores afirmam que a análise do Supereu é fundamental para compreendermos o suicídio na melancolia, pois é por conta de um Supereu extremamente severo que o Eu, identificado ao objeto perdido, assume a culpa e se castiga, gerando com isso uma cultura pura de pulsão de morte.

A partir desse Supereu superexigente e baseada na premissa freudiana de que as autocensuras do melancólico ao objeto perdido precedem uma fase de abatimento, Lambotte (1997) descreve duas fases do trajeto da melancolia. A primeira caracteriza-se pelo rigor da autocrítica e a segunda, por um sentimento de certeza de que o próprio sujeito merece o pior. Para a autora, a dor moral consequente de uma constituição do Ideal do Eu problemática junto à inibição generalizada constitui o sintoma principal da melancolia. Vejamos o que podemos entender por “uma constituição do Ideal do Eu problemática”.

Segundo Freud, o Eu se forma “a partir de identificações que tomam lugar de catexias abandonadas pelo id” (1923: 61). Ou seja, o Eu retira libido do Id transformando-a em investimentos objetais; assim, por já ser capaz de fazer identificações e ligações a objetos, vai deixando o narcisismo primário. Para Freud (1914), esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção ao Ideal do Eu, que já deve estar constituído nesse momento, e a satisfação do Eu se dá na medida em que há a realização desse Ideal.

O Ideal do Eu deriva do primeiro objeto de amor. Ele exige que o Eu real seja perfeito, um Eu Ideal, para que este nunca deixe de ser amado. O Ideal do Eu é o representante do narcisismo infantil, ou seja, sua base é narcísica, e ele serve de referência ao Eu real. Dizendo de outra forma, o que homem projeta diante de

si como sendo seu Ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele mesmo era o seu próprio Ideal por ser fundido ao primeiro objeto. É a partir da formação de um Ideal que se aumentam as exigências ao Eu, e o olhar do Outro se faz indispensável na formação do Eu Ideal, como vimos anteriormente.

Já o Supereu seria a instância psíquica proveniente do Complexo de Édipo, da imagem dos personagens temidos na infância, que tem a tarefa de assegurar a satisfação narcisista proveniente do Ideal do Eu e que, com essa finalidade em vista, observa constantemente o Eu real, medindo-o por este Ideal (Freud, 1914). Portanto, ele age como um instrumento do Ideal do Eu pelo qual o Eu se mede e é responsável pelas interdições, pela faculdade de autocrítica e pelo ideal narcísico do sujeito. O Supereu seria a autoridade a qual o Eu tem que responder sendo como o seu Ideal. Ele tem como núcleo o Ideal do Eu, que contém o julgamento que fará com que o Supereu declare que o Eu não alcançou o seu Ideal (Freud, 1923). Resumindo, o Supereu exige ao Eu real um Eu Ideal, para que ele possa atender às expectativas do Ideal do Eu. Nas palavras de Alberti, o que ocorre na melancolia é que o Eu não enfrenta o Ideal do Eu que o aterroriza:

O supereu chama violentamente a consciência para si. Por essa razão (...), o Eu não tenta contradizer o supereu, reconhece-se culpado, e se submete aos castigos que lhe são impostos. (...) Para o melancólico, a única via é insuflar o eu com culpa, pois ele já perdeu tudo, inclusive a capacidade perceptiva em relação ao exterior. Seu eu é um eu todo culpado, equivalente ao objeto estranho para o supereu e por ele criticado (2009: 109).

Se o Ideal do Eu é constituído a partir do narcisismo primário, do que a criança acredita ser o desejo do Outro e a identificação com este, na melancolia há uma espécie de rompimento com o Outro como lugar de constituição do sujeito, e a constituição do Ideal do Eu passa a ser problemática. É por isso que Freud (1917) afirma que a principal característica da melancolia é uma regressão para o narcisismo primário. A melancolia revela uma identificação narcísica ao objeto, além da submissão do Eu às crueldades do Supereu, podendo gerar até mesmo um processo de automortificação do Eu. É nesse sentido que essa constituição problemática do Ideal do Eu aumenta o sentimento de impotência, levando ao comportamento de inibição. Diríamos, então, que o Eu torna-se um Eu frágil, assim como o Eu Ideal; já o Ideal do Eu super potente, e cada vez mais distante de

ser atingido, o que leva a uma crueldade extrema do Supereu que o castiga por conta deste ideal não atingido.

Esse ideal super-exigente tem como consequência uma projeção nos outros objetos desse ideal com a mesma exigência, levando ao sentimento constante de decepção e traição. Outra consequência é a inibição e o negativismo⁵ generalizados, que seriam uma espécie de evitação. A recusa de investir em qualquer objeto parece dominar o mecanismo psíquico do sujeito. É essa negação que toma a forma de um comportamento de inibição generalizado, e que seria uma forma de defesa contra a perda do objeto. Em decorrência disso, o melancólico experimenta uma grande desafetação e uma total desvitalização: nada mais lhe afeta ou lhe interessa (Lambotte, 1997).

Há um paradoxo característico do funcionamento melancólico: de um lado, o rebaixamento das funções vitais e uma inibição generalizada; na outra ponta, um reforço das funções cognitivas, com grande atividade intelectual, levando a um discurso sem falhas, que faz com que o paciente sempre tente inserir seus sintomas numa elaboração lógica. No entanto, este aprimoramento intelectual não seria uma forma de sublimação como pode parecer à primeira vista (Lambotte, 1997).

O discurso lógico diz de um discurso que não deixa emergir o afeto nem a dúvida. É um discurso uniforme e impessoal, que recobre o conflito, onde nenhuma mensagem pode ser destacada. Nele, está embutido um sentimento resignado de certeza. Para compreender essa desapareção do afeto no discurso, Lambotte utiliza a imagem de “palavras fotografadas” (1997: 115), onde estas não têm qualquer conteúdo semântico nem nenhuma consistência, sendo ligadas apenas por conexões lógicas.

Outra consequência da crueldade superegóica é a desintração pulsional. Hassoun (1995) situa a melancolia como o efeito do desligamento pulsional, enquanto Lambotte (1997) fala de uma defusão instintual. Não foi possível que as pulsões de auto conservação se ligassem às pulsões libidinais e assim se integrassem em pulsão de vida. A pulsão de morte torna-se, então, muito mais presente, pois foi insuficientemente neutralizada pela pulsão de vida. A crueldade

⁵ O sintoma da negação compulsiva é bem diferente do delírio de negação da psicose, pois não é uma negação do mundo e das coisas, mas sim uma negação de que as coisas tenham alguma coisa a ver com ele, no sentido da impossibilidade de investir nesses objetos porque estes estariam sempre destinados a outrem.

melancólica a que se refere Hassoun diz respeito justamente à desunião pulsional, ao Eros ausente. Assim, podemos compreender o aspecto autodestrutivo do melancólico, sejam as tentativas de suicídio, sejam as condutas de fracasso, onde o sujeito se castiga e se maltrata.

Percebe-se também como uma característica comum na melancolia, uma dissociação entre o passado e o futuro. Para o melancólico, o tempo não parece corresponder a sua duração. Ele se torna incapaz de apreender uma sucessão temporal e menos ainda de fazer planos e projetos futuros. O sentimento de estar à deriva, de “pegar o bonde andando”, é decorrente dessa dissociação temporal (Lambotte, 1997).

Outro sintoma importante é a distorção corporal. Em seu “Rascunho G. Melancolia”, Freud diz que: “A neurose nutricional paralela à melancolia é a anorexia” (1895: 247). A premissa freudiana de que o Eu é, antes de tudo, um Eu corporal, nos ajuda a compreender porque é tão comum vermos casos de transtornos alimentares como a anorexia, a bulimia e a obesidade junto à melancolia. Todas elas são patologias onde o sujeito tem grande aversão do próprio corpo: “(...) tenho a impressão de estar à parte do meu corpo”, é uma fala citada por uma paciente melancólica à Lambotte (1997: 162).

Para Hassoun (1995), tais patologias seriam manifestações sintomáticas da melancolia. O autor diferencia a melancolia tradicional com sintomas clássicos de inibição generalizada da “melancolia sintomática”, que seria a anorexia, a bulimia, a compulsão por droga, compras, etc. O que pode ser endossado pela afirmação de Freud de que “a melancolia (...) assume diversas formas clínicas” (1917[1915]: 249). Essas formas de compulsões- as quais vimos ser tão comuns na adolescência- colocam um objeto real para ocupar a ausência, o vazio deixado pelo objeto perdido.

A questão do suicídio aparece na medida em que, como afirmam Brunhari & Darriba (2014), a diminuição do amor-próprio é a característica mais marcante da melancolia. Sendo que as injúrias que o paciente dirige a si próprio são, em última instância, as injúrias dirigidas a um objeto de amor que foram deslocadas contra o eu. Nesse sentido, a questão do suicídio passa a incluir a dimensão do objeto, pois o Eu só pode se matar se, devido ao retorno da energia ao próprio Eu, puder tratar a si mesmo como objeto, dirigindo contra si mesmo a hostilidade antes dirigida ao objeto externo.

Apoiados na premissa lacaniana de que a identificação total ao objeto *a* é condição primeira para a passagem ao ato, para a evasão da cena, os autores puderam então pensar o suicídio melancólico como uma passagem ao ato. Na melancolia, como estamos vendo, há uma identificação massiva ao objeto perdido, o que os autores articulam com a identificação ao objeto *a* que ocorre na passagem ao ato:

No caso da passagem ao ato, Lacan lança mão da defenestração na melancolia para ilustrar seu modo de relação ao objeto *a*. Essa ilustração serve como guia para a questão aqui proposta da passagem ao ato suicida na melancolia: a queda do objeto *a* é essencial para que se delimite a passagem ao ato na medida em que há uma identificação absoluta a esse objeto no momento da queda. Com as considerações feitas por Lacan acerca da tentativa de suicídio da Jovem Homossexual e com seu comentário sobre a propensão melancólica à defenestração pôde-se propor o suicídio na melancolia desde essa queda que arrasta o sujeito para fora da cena (Brunhari & Darriba, 2014: 209).

Ainda, a polaridade onipotência/impotência, que será brevemente analisada no próximo capítulo, também situa aspectos melancólicos no processo da adolescência: “não conseguindo ser ‘tudo’, o adolescente passa a ser ‘nada’. A conduta auto-destrutiva do melancólico e sua autodesvalorização, parecem ser muito semelhantes ao vivido por certos jovens no contemporâneo” (Palmeira et Al. 2011:167).

É importante ficar claro que, como nos chama a atenção Palmeira et al. (2011), trata-se de pensar em traços melancólicos, e não numa suposição de um quadro patológico de melancolia. Ou seja, diante das perdas ocorridas no processo de adolecer:

Em alguns casos parece se efetuar um movimento similar ao do indivíduo melancólico: se este, por sua vez, mostra-se incapaz de abandonar seus investimentos narcísicos, o adolescente pode se ver incapaz de efetuar suas escolhas afetivas (...) e pode vir a se fechar totalmente em si mesmo (2011: 162).

Para Alberti (2009), o adolescente suicida pode ter ou não uma estrutura melancólica, mas é comum ocorrer na adolescência uma espécie de melancolia. Se a sociedade não puder dar conta de sustentá-los nesse momento de perdas, a pulsão de morte pode se manifestar em sua forma crua. Nas palavras da autora:

O adolescente busca o pai num movimento em que recupera o pai edípico em toda a sua importância. Se esse pai não puder responder, como sói acontecer na clínica com adolescentes, a passagem ao ato suicida pode ser uma saída (...). Em outras palavras, quando o Outro paterno não responde, a desassociação pulsional segue livre curso (Alberti, 2009: 150).

Essa desassociação pulsional é correlata ao narcisismo de morte e à melancolia. A sociedade, com seu paradigma da violência, pode deixar o jovem desamparado, levando-o a desintração pulsional, com predomínio da pulsão de morte, culminando no suicídio. É sobre a violência que levantaremos questões no próximo capítulo.

5

Sobre Violência, Assédio e *Bullying*

Uma família aparentemente normal comemora o aniversário de 11 anos de *Aggeliki*, a primogênita de três filhos. Logo após soprar as velas do bolo e de lhe cantarem parabéns, *Aggeliki* vai até a janela e se joga, cometendo suicídio. Essa é a primeira cena do filme grego “*Miss Violence*” (*Alexandros Avranas*, 2013).

A família reage como se nada tivesse ocorrido. Alguns dias se passam até que as primeiras lágrimas da mãe da pré-adolescente que se suicidou possam aparecer, mas de maneira velada e rapidamente reprimidas. Falas como “Curioso, parece que nada aconteceu por aqui” (da assistente social) ou “Parece que ele não sentiu a morte da irmã” (da professora do irmão), revelam o silêncio ensurdecedor sobre o qual a família se instala numa tentativa de passar por cima da dor e do real da morte que houve ali. O avô, patriarca da família, é extremamente controlador e cuida para que tudo continue como antes, oferecendo muito naturalmente medicamentos para que sua filha não sofra a perda de *Aggeliki*. Ele trata o suicídio como um acidente. No desenrolar do filme, revela-se que ele abusava psicológica e sexualmente de suas filhas e netas. É disso que *Aggeliki* foge ao se matar, pois descobre que, ao completar 11 anos, começaria a sofrer violência por parte de seu avô.

Apesar do foco do filme não ser o suicídio propriamente dito, mas sim os abusos e a estrutura do silêncio na qual a família está instalada, o que nos chamou atenção foi a violência presente. Não é a toa que o título “*Miss Violence*” foi escolhido. O não falar sobre o suicídio- cometido diante o horror dos atos praticados pelo avô- mantém a violência na estrutura familiar.

A família do filme não pôde se encontrar com o desespero e com a tristeza provenientes dessa perda. Passando por cima da dor, a avó se revela alcoólatra, a mãe viciada em medicação psiquiátrica e o irmão mais novo começa a ter comportamentos violentos na escola. A violência, tema central do filme, ilustra bem o que será desenvolvido neste capítulo.

Segundo Alberti (2009), um dos principais sintomas da sociedade atual é a violência que caracteriza os laços sociais. Araújo (2011) parece concordar, pois

afirma que o conceito de violência vem tomando proporções assustadoras em nossa sociedade. Segundo ela, o termo é uma construção social que diz respeito ao conjunto de relações e interações entre os indivíduos. Savietto (2006) utiliza a denominação de “cultura narcísica da violência”, proposta por Costa, para caracterizar nossa sociedade atual. É uma cultura onde há uma forte vivência de desamparo e uma predominância dos ideais narcísicos de tipo absoluto e onipotente. Esse contexto coloca em jogo o atravessamento que o adolescente deve fazer do lugar da onipotência, do narcisismo, do Eu Ideal para o lugar da alteridade, do Ideal do Eu. Atualmente, muitas vezes a realização pessoal não se dá mais por meio da sublimação, mas sim por meio de um retorno ao narcisismo, que liberaria as pulsões agressivas.

A questão do aumento de casos de assédio moral em nossa sociedade exemplifica esta ideia. Há uma inflação do significante assédio. Nunca se falou tanto desse tema como nos dias atuais. Seja na mídia como também no discurso cotidiano, certas experiências são descritas e qualificadas a partir do assédio, tornando o termo muitas vezes impreciso em seu significado. O assédio tornou-se uma queixa da sociedade contemporânea, o que se desdobra na produção de novas formas de subjetivação. Segundo Birman:

O que se enuncia hoje como fundamental é a existência do assédio "moral", no qual alguém é solapado na sua segurança identitária e esvaziado nas suas potencialidades sociais e psíquicas de ser. Tudo isso acontece em diversos contextos sociais (2005: 32).

O que nos chama a atenção aqui é, sobretudo, o esvaziamento do sujeito assediado, que é levado à paralisia mental e à impossibilidade de agir. Birman aponta para o fato do assédio moral ter assumido características francamente perversas, e seus efeitos psíquicos serem marcados pelo horror. Tal experiência implica na desestabilização da identidade, produzindo uma transformação crucial na economia do narcisismo, transformação esta que conduz muito frequentemente a depressões severas, a quadros psicossomáticos e a destruição da imagem do sujeito:

Sem ter signos seguros no real para sustentar nada, a personagem em questão é colocada numa experiência-limite, marcada que é pela incerteza total e pela insuportabilidade psíquica. (...) O colapso psíquico, enfim, é a resultante maior desta experiência inquietante (2005: 32, 33).

O termo *bullying*, que é uma forma de assédio, sofre da mesma imprecisão conceitual deste. Como ressaltou Silva (2011), é comum que hoje os psicanalistas recebam adolescentes para tratamento com um diagnóstico de *bullying* já previamente definido pela escola. Segundo o autor, este é um tema antigo, mas que tem recebido novas designações a partir da atenção dada à ele na atualidade, em especial por educadores e pela mídia. Nas palavras de Silva, o efeito devastador da violência do outro agora é chamado de *bullying*.

Para Birman (2011A), tanto o assédio quanto o *bullying* são modalidades contemporâneas de violência, que indicam o enfraquecimento de mediação simbólica entre as individualidades, de maneira que as relações de forças entre estas se transmutam em dor, ofensas e morte reais e simbólicas. Por não aceitarem uma posição de igualdade e pretenderem ocupar uma posição de exceção, alguns indivíduos recorrem à violência, mesmo que seu preço seja a dor, a ofensa e a morte do outro. Nas palavras do autor: “o exercício da violência pode se instituir, nesse contexto, como a única defesa de que o jovem dispõe, diante de seu sentimento de impotência (...)” (Birman, 2011B: 39). É possível reconhecermos, a partir disso, o desamparo ao qual muitos jovens estão lançados atualmente.

Para o autor, hoje a fragilização dos jovens se evidencia de forma patente e o trauma se transformou numa experiência comum. Impotência e onipotência tornaram-se um binômio representativo da adolescência atual. Segundo Birman (2011B), as drogas funcionam como um antídoto para o sofrimento dos jovens, pois lhes faz sentirem-se onipotentes. Em contrapartida, o exercício da violência mostra a impotência que sentem. Ter força física ou destituir o outro através do *bullying* pode ser a única maneira de acreditarem em sua potência afetiva, quando a impotência é o traço fundamental de sua condição psíquica e social.

Simonsen et al. (2014) mostram que os estudos sobre o *bullying* iniciaram-se em 1978 na Noruega pelo sueco Dan Olweus e sua equipe, e foram desenvolvidos até 1993. Tais estudos não despertaram muito interesse das escolas, até que três jovens entre 10 e 14 anos de idade se suicidaram após sofrer assédio. Olweus pesquisou cerca de 84.000 estudantes, 300 a 400 professores e 1.000 pais nos vários períodos de ensino, verificando o caráter de agressividade, repetitividade e desequilíbrio de forças em jogo no *bullying*.

O termo *bullying* tem origem inglesa, e foi adotado no Brasil por não haver outro termo na língua portuguesa que melhor desse conta da abrangência deste

conceito. *Bully* significa valentão, tirano e brigão. Sendo assim, Araújo define o termo *bullying* como “uma variedade de comportamentos de maus-tratos que é praticado por um ou mais indivíduos em relação a outros, geralmente de estatura, força física ou habilidade de defesa menor que o agressor, caracterizado assim pela repetitividade e desequilíbrio de poder” (2011: 24). O ato de violência é exercido sempre entre pares, e não iniciado por uma autoridade ou por alguém numa posição hierarquicamente superior.

Para Hirigoyen (2014), o *bullying* se caracteriza por pequenas agressões que são repetitivas, aparentemente inofensivas, mas que transformam o agredido numa espécie de bode expiatório. Ela deixa bem claro que não se trata de uma disputa ou uma briga, mas sim de uma relação de dominação, constituindo-se assim, um abuso de fraqueza. O *bullying* pode ser verbal, através de xingamentos; físico, como bater; ou relacional, excluindo a pessoa do grupo ou espalhando boatos (Demaray 2013). Há o *bullying direto*, quando a vítima é agredida diretamente, de forma física ou verbal, que diz respeito às ações como ofender, agredir fisicamente, ameaçar ou roubar. Já o *bullying indireto*, quando a vítima não está presente, se refere às ações como fofocar, difamar ou isolar (Araújo, 2011).

Araújo (2011) classifica de forma diferente cada tipo de vítima envolvida nesse tipo de violência. A “vítima típica” seria a pessoa que sofre repetidas vezes a agressão, mas não reage. A “vítima provocativa” é aquela que também sofre a agressão repetidas vezes, mas reage, sendo que sua ação não tem efeitos e ela acaba por sofrer ainda mais violências. Já a “vítima agressora” é aquela que transfere os maus tratos sofridos para outras pessoas mais frágeis. É exatamente por isso que muitos alunos que antes eram vítimas acabam se tornando agressores, fazendo com que a prática do *bullying* entre num ciclo-vicioso. O agressor normalmente é vítima de violência em casa, por seus pais ou cuidadores, ou tem uma má relação com eles. No ambiente escolar, é muito comum que ele seja alvo de expectativas negativas por parte dos professores, o que só faz aumentar ainda mais as interações conflituosas. As “testemunhas do *bullying*” são pessoas que presenciam os atos de violência, mas preferem se calar por medo de sofrerem a mesma coisa.

A autora indica que as vítimas de *bullying* possuem, na maioria das vezes, características semelhantes, como sobrepeso, baixa estatura ou são filhos de pais homossexuais. Uma pesquisa recente publicada no jornal O Globo (05/05/2014)

revelou que os alvos mais frequentes dos agressores são as crianças com sobrepeso ou magras demais. A pesquisa assinala o despreparo das escolas para tratar do assunto, o que leva frequentemente à evasão escolar. Os jovens entrevistados se referem à violência que sofreram como uma experiência traumática, em que foram perdendo pouco a pouco a vontade de ir para a escola.

Outra forma de *bullying* que vem se tornando cada vez mais comum atualmente é o *cyberbullying*. Este é um fenômeno muito recente, e por isso ainda merece investigações mais aprofundadas. O uso de e-mails, mensagens através de celular, imagens publicadas na internet e chats on-line são usados para essa prática de violência. O fato de o agressor estar protegido por seu anonimato por trás das telas pode propiciar mais atos de violência, pois muitas vezes a internet serve como uma ferramenta de vingança, caso o agressor seja também uma vítima. É comum que as vítimas de *cyberbullying*, ao contrário do que ocorre no *bullying* tradicional, não peçam ajuda e não contem sobre a agressão a ninguém, principalmente a seus pais, fazendo com que fiquem mais sozinhos e desamparados (Araújo, 2011; Sleglova & Cerna, 2011; Demaray 2013).

Alguns aplicativos que garantem o anonimato do usuário foram lançados recentemente com o intuito de ser um espaço para segredos e desabafos. Mas já provocam um intenso debate entre os jovens, pais e educadores, pois uma matéria publicada no O Globo (12/08/2014) mostra que, por não identificar os autores das postagens, muitos jovens se aproveitam do aplicativo para a prática de *cyberbullying*, inclusive com divulgação de imagens de jovens nuas. Uma jovem de 16 anos teve sua foto exposta e afirma: “Estou péssima. Choro todos os dias... Não vou falar para eles (pais) porque tenho vergonha e medo da reação deles”. Frequentar a escola passou a ser, segundo esta jovem, uma experiência torturante. Mesmo que o jovem consiga retirar a postagem do ar, esta se espalha rapidamente, e em segundos está nos celulares de muitos adolescentes. A reportagem afirma ainda que uma série de valores morais está sendo anulada com a utilização do aplicativo, que virou caso de polícia, pois muitas vítimas estão denunciando e abrindo processos civis na tentativa de descobrir os autores das postagens maliciosas.

Hirigoyen (2014) demonstra dados estatísticos interessantes. Metade dos jovens entre oito e dezessete anos de idade está ligada a alguma rede social, sendo que 90% dos alunos do ensino médio estão conectados e acessam a rede

diariamente. Um terço dos jovens já teria sido alvo do assédio através das redes sociais. O curioso é que o *Facebook*- principal rede social usada pelos jovens-, é proibido para menores de 13 anos, mas em 93% dos casos, os próprios pais autorizam seus filhos a participarem da rede. Entre os jovens com mais de 300 amigos, 53% se dizem impressionados com conteúdos insultuosos, violentos, racistas e pornográficos, mas somente 11% conversam com seus pais a respeito de tais conteúdos.

Demaray (2013) chama a atenção para o fato da maioria dos agressores do *bullying* tradicional também participar do *cyberbullying*. No entanto, o oposto não ocorre, visto que a maior parte dos agressores virtuais não pratica *bullying* face a face. Segundo a autora, é comum que os agressores do *cyberbullying* não sintam culpa pelos seus atos, e relatem que o *bullying* on-line os deixou mais engraçados, populares e poderosos.

Segundo Demaray (2013), cerca de 50% das crianças em idade escolar experimentam o *cyberbullying*, que pode ser mais grave do que o *bullying* tradicional. Isso porque um maior número de pessoas tem acesso ao conteúdo da violência, além de não ser possível para a vítima fugir tão facilmente, como por exemplo, pode ocorrer saindo da escola ao sofrer o *bullying* tradicional. Outro fator agravante é que as pessoas podem ter acesso durante mais tempo ao conteúdo da violência que fica disponível na rede virtual.

Sleglova & Cerna (2011) apontam que aqueles jovens que sofrem tanto do *bullying* tradicional quanto do *cyberbullying*, seriam “vítimas globais” e apresentariam um maior risco de patologias graves e passagens ao ato. Segundo as autoras, os jovens que experimentam o *bullying* tradicional ou o *cyberbullying*, sendo eles vítimas ou agressores, são mais propensos a tentar o suicídio como forma de enfrentamento do que os jovens que não passaram por essa experiência de violência. Pelo menos 2% dos jovens assediados afirmam já terem pensado em acabar com a própria vida em decorrência da violência sofrida, sendo que muitos relatam automutilações para aliviar a ansiedade decorrida do assédio: “desde então eu comecei a me cortar sempre que me sentia ansiosa”, é uma fala de uma adolescente que foi entrevistada pelas autoras. Segundo Hirigoyen (2014), as agressões podem ter consequências graves para os abusados, podendo provocar baixo rendimento escolar, distúrbios de ansiedade, doenças psicossomáticas e depressão.

Um caso divulgado recentemente pela mídia⁶ ilustra bem a relação entre a adolescência, o *cyberbullying*, a sociedade contemporânea e a passagem ao ato. Uma adolescente de 12 anos suicidou-se nos EUA após sofrer *cyberbullying* pelas redes sociais: “Rebecca se matou a caminho da escola. Ela pulou da plataforma de uma fábrica de cimento abandonada perto de casa. (...) Sua morte é a última no crescente fenômeno de jovens que decidem se matar, após sofrer cruéis perseguições na Internet por meio de mensagens, ou aplicativos de fotos. (...) As autoridades acreditam que o *bullying* tenha durado mais de um ano” (G1, 2013). Nesse caso, a adolescente foi aterrorizada nas redes sociais com mensagens que diziam desde que era feia até exigindo que se matasse. Depois de aparecer com cortes nos pulsos, a mãe da menina a internou e a tirou das redes sociais. Rebecca parecia melhorar, mas, em segredo, se registrou novamente em aplicativos para celular e o *bullying* recomeçou. Depois disso, no Kik Messenger, ela deixou duas mensagens para amigas e mudou seu nome de usuário para 'a menina morta' (G1, 2013). Esta morte revela a violência e o desamparo que muitos adolescentes podem viver atualmente, onde acabam lançando mão de soluções radicais como o suicídio para tentar dar conta da ferida narcísica resultante do *bullying*. Em outras palavras, a desqualificação, as agressões e as humilhações provocam ou atualizam feridas narcísicas que podem desestruturar o investimento narcísico já frágil de muitos adolescentes. Vimos que o olhar do outro é constitutivo da imagem que o sujeito faz de si e é regulador de seu narcisismo. Portanto,

Em outras palavras, no momento de construção e consolidação da identidade, a violência repetitiva do assédio e a exclusão do grupo intensificam a vulnerabilidade: o olhar dos agressores impõe uma imagem negativa, e a violência pode atingir um limite a partir do qual o adolescente é invadido por angústia insuportável. Sentindo perder o controle sobre si, e dominado pelo desamparo e pela solidão, o suicídio como passagem ao ato desponta como solução (Simonsen et al. 2014: 218).

Há uma discussão acerca do que vem antes, o *bullying* ou uma saúde psíquica frágil. Mas é certo que há uma relação entre os dois, já que um pode agravar o outro. Para Hirigoyen (2014), as vítimas são escolhidas porque, por algum motivo, aceitam as agressões, mostrando-se extremamente tolerantes e dispostas a perdoar tudo: “É também em virtude do vazio interior e de uma falta

⁶ Site do G1 acessado em 25 de setembro de 2013. <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/09/adolescente-se-suicida-nos-eua-apos-sofrer-bullying-na-internet.html>

de limites que essas pessoas se mostram mais suscetíveis à dominação: como são incapazes de sentir com nitidez a fronteira entre si mesmas e os outros, fica mais fácil a intrusão em seu território psíquico” (2014: 144).

É importante assinalar que o *bullying* é visto hoje como um fator de risco para a saúde mental infanto-juvenil e, apesar do fenômeno muitas vezes se encerrar na entrada da vida adulta, seus efeitos podem perdurar por toda a vida. Tanto para a vítima quanto para o agressor, a violência sofrida na juventude pode causar adultos depressivos ou com outras patologias graves, como estresse, sintomas psicossomáticos, fobias, pensamentos suicidas, auto e hetero-agressão, sentimento de impotência, entre outros. Frases como “Ele ainda está na minha cabeça e isso me deixa doente” e “eu vejo coisas ruins em todo mundo” foram recorrentes na pesquisa realizada por Sleglova & Cerna (2011). Diversas pesquisas mostram ser comum que o agressor se torne um adulto delinquente, praticando delitos ou fazendo uso abusivo de álcool e drogas (Araújo, 2011; Sleglova & Cerna, 2011; Demaray, 2013).

No entanto, devemos ter cuidado, pois nem tudo é *bullying*. Segundo Silva (2011), não é fácil determinar os limites entre o que seria uma “zoeira” ocasional e a configuração de um *bullying*. Para o autor, é possível pensarmos em termos de uma gradação de intensidade que, em algum momento, sofre um descontínuo, provocando um efeito traumático e devastador na vítima. Para Saggese & Silva (2011) a interação erótico-agressiva entre as pessoas faz parte de qualquer sociedade, havendo, portanto, um modismo impressionante no uso do termo, que gera um padrão de politicamente correto, classificando todo comportamento geracional entre escolares como *bullying*. É mesmo muito diferente receber um apelido ou ser espancado por ser gordo ou baixo.

Os autores chamam a atenção para os efeitos negativos de se explicar qualquer ato violento através do *bullying*. Se alguém é nomeado como vítima de *bullying*, isso pode servir como desculpa para um ato de vingança, que passa a ser chancelado pela palavra do outro. Ou seja, a disseminação deste significante para explicar o sofrimento dos jovens pode contribuir para legitimar as reações violentas. Foi o que pode ter ocorrido com Wellington, o jovem que cometeu o massacre de Realengo no Rio de Janeiro em 2011. As mensagens encontradas pela perícia na casa do rapaz depois do ocorrido indicam que o jovem parece ter se submetido a esse significante para justificar seu futuro ato violento de

vingança. Nesse caso, Saggese e Silva (2011) assinalam que a palavra *bullying* foi a mais usada pela mídia nos meses que se antecederam ao massacre. Para os autores, os atos violentos são consequências de fatores sobre determinados, que não excluem a faculdade do sujeito de decidir e não podem ser simplesmente explicados somente através do *bullying*. É preciso estar atento para todas as explicações generalizantes.

O importante aqui é assinalar que nossa sociedade tem dificuldade em dar conta dessas situações de violência. Muitos autores, entre eles Araújo (2011), Sleglova & Cerna (2011) e Demaray (2013) destacam a importância da sociedade, da escola e da família para tratar do assunto. Segundo os autores, os pais têm um papel especialmente importante, pois se constatou que aqueles alunos que acreditam que não irão sofrer punições por ter praticado o *bullying* são mais propensos a se envolver nos comportamentos violentos. Para Silva (2011), a modernidade com sua fragilidade da autoridade é um pano de fundo que favorece a absorção de atos violentos pelos grupos de adolescentes que nela vivem. Ele afirma que “a força maior da violência do *bullying* se origina na sociedade, (...) mas as condições que moldam a posição vitimal e sua extrema vulnerabilidade se originam em casa” (2011: 300, 301).

Segundo Savietto (2006), o adolescente necessita que seus pais o sustentem ativamente no processo da adolescência. A autora se pergunta se os pais da atualidade estão conseguindo oferecer esse apoio narcísico, pois, como vimos no primeiro capítulo, atualmente há uma carência na oferta de referências para a composição do Ideal do Eu, na medida em que essas referências são imagens distorcidas de valores. Ao invés das imagens de autoridades- que dizem respeito a um lugar simbólico e que tem uma função estruturante no psiquismo do sujeito-, muitas vezes hoje são as figuras das celebridades que se estabelecem como referências para a constituição do Ideal do Eu. A falta dessas imagens de autoridade pode gerar dificuldades para o atravessamento da adolescência, que implica justamente na problematização e no questionamento dos pais e da cultura como ideais.

Em entrevista para Marta Cardoso (2011), o psicanalista Jurandir Freire Costa afirma que o efeito mais perigoso do enfraquecimento da autoridade é a generalização social do desrespeito e da indiferença para com o outro. Segundo o autor, o fato dos adolescentes serem entregues a eles próprios, sem que sejam

assistidos pelos mais velhos é um sintoma da imobilidade e do sentimento de superfluidade correntes em nossa sociedade.

5.1

O mecanismo por trás do *bullying*

Como vimos, o adolescente é aquele que, vivendo o luto das figuras parentais, encontra no grupo uma nova referência para conter a experiência de desamparo, referência esta que baliza o narcisismo do sujeito:

O olhar especular de seus semelhantes ficará agora no lugar antes ocupado pelo olhar dos pais- e com várias funções: revalidar a lei, erigir ideais, ratificar identificações, criando por vezes uma espécie de índice de comportamentos, falas e modismos. Todos esses aspectos estariam a serviço de uma nova dimensão superegoica (Silva, 2011: 292).

Com isso, qualquer manifestação que possa ameaçar a identidade do grupo será tida como um não eu indesejável, materializado em um sujeito que será objeto de um movimento de nadificação. Não há mais espaço para a criança protegida pelos pais. O adolescente deverá ter forças para resistir e enfrentar o mundo.

No que se refere às forças que favorecem o *bullying*, e no que levaria alguns sujeitos a ocuparem a posição da vítima, Silva (2011) destaca a fragilidade da face protetora do Supereu, resultando no domínio de um Supereu sádico. Muito próximo ao que vimos ser o Supereu na melancolia. Assim é que o Eu em transformação, sem encontrar um outro significativo que o cuide e o proteja, se cola às vociferações do outro. Em outras palavras, o Eu não dispõe de defesas suficientes para lidar com o Supereu arcaico e se deixa invadir submetidamente à voz do outro impiedoso. Nesse sentido, a hipótese do autor é que a vítima do *bullying* apresenta questões regressivas, e “se encontra menos afastado do Édipo, com uma frágil elaboração do superego protetor, estando, por isso, mais vulnerável à voz tonitroante do superego arcaico ou sádico” (2011: 295).

Alberti (2009) afirma que a incorporação dos pais que ocorre durante a adolescência se dá através da identificação com eles que, internalizados, passam a integrar o Supereu. Sendo assim, a dificuldade do adolescente depende da feracidade do Supereu. Segundo a autora, a angústia frente o medo da perda de

amor do Outro social pode levar o sujeito a comportamentos que estariam fora dos parâmetros do que lhe faz bem ou mal, como é o caso do *bullying*. Quanto mais o sujeito renuncia àquilo que lhe faz bem, mais se sentirá culpado. A culpa como um sintoma determinado:

Pela regressão a um estágio anterior promovida pelo supereu, que barra o acesso ao desejo, promovendo uma desfusão pulsional- mais frequentemente, o desinvestimento e a depressão (...). Se a isso se acrescentam razões externas (...), alimenta-se a influência da consciência pesada do supereu, a angústia de não ser amado, a angústia social. (...) Não é justo isso que acontece com os adolescentes, e não foi isso o que Freud denunciou em 1910, em seu texto sobre a psicologia dos secundaristas? (2009: 271).

Segundo Hirigoyen, a fronteira entre abusados e abusadores é estreita, pois a vontade ativa do agressor não tem efeito se não encontrar a vontade passiva da vítima. Fica claro, portanto, que para haver assédio, é preciso que haja pelo menos dois sujeitos, a vítima e o agressor. Igualmente frágil, o agressor parece procurar uma descarga ou alívio para suas angústias através da repetição compulsiva do ato violento: “No fim das contas, poderíamos dizer que os manipuladores e seus alvos se coordenam para regular um déficit emocional” (2014: 144).

Ao pretender um poder absoluto sobre o outro, este reduz a vítima a puro objeto, deixando exposta sua necessidade de dominar e controlar. Ou seja, também eles, os agressores, através da passagem ao ato, através de um ato sem mediação simbólica, procuram dar conta do próprio desamparo:

(...) as falhas narcísicas na primitiva infância e a tentativa de manter a megalomania infantil movimentariam o sujeito na busca de sustentação e preenchimento de seu narcisismo através do exercício de um domínio sobre o outro (...). Assim é que, para sustentar o sentimento de onipotência, o agressor necessitaria esvaziar narcisicamente sua vítima (Simonsen et al., 2014:227)

Nesse sentido, o agressor sofre da mesma tirania superegoica da vítima, onde os impulsos suicidas se mostram como autopunições que originalmente se dirigiam ao outro. O agressor pratica o ato de violência para se sentir seguro, pertencendo a um grupo social (Alberti, 2009). Devemos lembrar que, segundo Freud: “A tendência do melancólico para o suicídio torna-se mais compreensível se considerarmos que o ressentimento do paciente atinge de um só golpe seu próprio ego e o objeto amado e odiado” (1917[1916-17]: 428). Ou seja, o jovem

que se mata em decorrência da violência sofrida atinge de um só golpe seu próprio eu e o agressor.

Em entrevista realizada por Grassi (2013), o psicanalista Juan-David Nasio também assinala a proeminência do Supereu cruel na adolescência, que pode provocar tanto inibições quanto comportamentos agressivos. O autor observa que a marca essencial da adolescência é a presença do Supereu cruel, e a violência do adolescente é a exteriorização desse Supereu furioso, provocando assim inibições ou comportamentos agressivos e anti-sociais, como o *bullying*.

Segundo Nasio, o adolescente é dominado ora pelo sentimento de vergonha, ora pelo sentimento de onipotência. Esse conflito intrasubjetivo seria a base para os conflitos intersubjetivos com os pais e a sociedade. Com isso, o jovem sofre pelo choque dessas duas forças antagônicas: de um lado o corpo que pulsa, levando o sujeito a atos impulsivos e agressivos, e de outro um Supereu rígido e inflexível, que reprime as pulsões com a mesma violência com que estas foram animadas. Esse sofrimento intenso seria aquele que se manifesta através de comportamentos perigosos contra si mesmo ou contra a sociedade, através de atos variados que podem levar ao exercício da violência contra outros, como no caso do *bullying*, ou contra si, podendo culminar no suicídio.

5.2

Sobre violência e suicídio

Voltando ao suicídio, Cavalcante & Minayo (2004) chamam a atenção para a correlação estatisticamente alta entre a violência sofrida na infância e na adolescência e as tentativas de suicídio em qualquer idade. O processo de elaboração do abuso é longo. Por isso o suicídio aparece muitas vezes como a única forma de resolver o problema, um último apelo para aplacar o sofrimento decorrente dos abusos sofridos.

Ao fazer uma análise do aumento de casos de suicídio entre jovens em nossa sociedade e partindo do suicídio do músico Champignon, Birman (2013) afirma que o sujeito suicida está tomado por uma angústia indizível, mas também não se pode perder de vista o fato de que essa experiência se conjuga com o estatuto do individualismo moderno. É comum que a boa performance seja uma

exigência subjetiva bastante importante, e muitas vezes a promoção de si mesmo se mostra como uma marca da subjetividade contemporânea.

Para o autor, portanto, não é espantoso que as taxas de suicídio aumentem numa sociedade marcada pela incerteza, sendo possível dizer que os jovens estão mais expostos a esses processos, pois devem construir seus percursos num espaço de alta competitividade. Por conta da fragilidade dos operadores simbólicos que o sujeito dispõe atualmente, é comum que o excesso como dor não possa ser transformado em sofrimento. Esse excesso pode vir então como corpo estranho para o sujeito, que perde assim suas referências identificatórias, sendo lançado na melancolia.

Nesse sentido, possivelmente o que impulsionou o músico Champignon ao ato foi, principalmente, as múltiplas agressões verbais sofridas por parte de seus fãs, que o acusaram de se aproveitar da morte de seu parceiro Chorão. Tais agressões tiveram o efeito de incrementar a culpa que se coloca para qualquer sujeito na experiência do luto, já que Champignon sofria o luto pela morte de Chorão.

Uma pesquisa realizada por Rodriguez e Kovács (2005) demonstra que os jovens são a população mais vulnerável à morte por causas violentas (suicídio, acidentes e homicídios). Os índices atuais de morte nessa faixa etária são bastante altos, o que as levou a concluir que os jovens estão morrendo porque são excluídos da sociedade. Segundo as autoras, o alto número de mortes dos jovens reflete a sociedade na qual eles estão inseridos, assim como a sua a condição de sujeitos nela inseridos. Os jovens, portanto, estão pedindo modelos de identificação e espaços sociais mais delimitados.

Segundo Jordão, estaríamos vivendo em um estado *borderline* no qual “a experiência de limite à potência narcísica significa sua completa anulação, pois aqui as únicas opções possíveis são da ordem do absoluto: onipotência ou desamparo” (2013:106). Essa dicotomia pode ser mais bem compreendida com a seguinte ideia:

Assim, por um lado, com o intuito de reafirmar sua onipotência narcísica, evitando ser invadido pela angústia do desamparo, quem pratica o *bullying* destitui as características da vítima que provocam nele o sentimento de ameaça e a transforma em objeto utilitário. Por outro lado, diante do esvaziamento narcísico, a vítima do assédio concretiza a sensação de morte psíquica, passando ao ato. Em ambos os casos, vemos a pulsão de morte em ação, em um

movimento, de um lado, de expulsão e exclusão e, de outro, de desinvestimento e desligamento até o próprio aniquilamento (Simonsen et Al., 2014: 228)

Outros dois casos divulgados pela mídia⁷ no fim de 2013 são bons exemplos do que está sendo discutido. No primeiro deles, em Piauí, uma adolescente de 17 anos se enforcou com o fio de uma prancha alisadora de cabelo após ter tido um vídeo divulgado no aplicativo Whatsapp em que tinha relações sexuais com duas pessoas. Antes de passar ao ato, a adolescente deixou mensagens no Twitter em que dizia: “Desculpe não ter sido a filha perfeita, mas eu tentei... É daqui a pouco que tudo acaba... Acho que é tchau para sempre”. Quatro dias depois, no Sul do Brasil, uma adolescente de 16 anos se enforcou depois de ter fotos íntimas divulgadas nas redes sociais em que apareciam seus seios e rosto. Antes de se matar, ela escreveu em seu Twitter: “Hoje de tarde eu dou um jeito nisso. Não vou ser mais estorvo para ninguém”. Os pais das duas jovens se pronunciaram com um discurso semelhante, de que é preciso ficar atento ao que os adolescentes fazem na internet.

Pesquisas realizadas com jovens que sofreram *cyberbullying* mostram que quando há imagens envolvidas no ato de violência, o efeito traumático é maior, sendo visto pelos jovens como a pior forma de *bullying* que pode existir (Sleglova & Cerna, 2011). Isso porque, segundo Freud (1905), o que ocorre com as adolescentes mulheres nos é menos conhecido, pois mesmo tendo passado pelo processo de identificação simbólica, a mulher não está totalmente definida sob o significante fálico. Há uma incapacidade paterna de dar um significante para a identidade feminina. A adolescência é para a menina o momento em que vai descobrir o que deve fazer para se tornar mulher e dar conta do que é o feminino.

Dessa forma, o corpo feminino assume um valor fálico na adolescência, havendo um sobreinvestimento da imagem corporal. Portanto, ao ter seus corpos e sexualidade divulgados na internet, essas duas adolescentes perderam o controle imaginário sob o olhar do outro, passando assim ao ato e cometendo o suicídio. Nas palavras de Saggese: “(...) os transtornos do narcisismo adolescente (como a profunda preocupação que as transformações corporais trazem ao púbere) são

⁷ Site do G1 acessado em 22 de novembro de 2013. <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/11/policia-investiga-morte-de-garota-que-teve-video-intimo-divulgado-no-piaui.html> e <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/11/policia-do-rs-investiga-morte-de-jovem-apos-divulgacao-de-foto-intima.html>

correlatos às oscilações do ideal do eu que o sustenta e que sofre injunções advindas do campo social” (2001: 83). Essas injunções do campo social podem ser perversas e vir sob a forma de assédios. As consequências para os jovens não são pequenas.

Segundo Savietto (2006), atualmente há um culto ao corpo. A subjetividade do sujeito contemporâneo está fortemente atrelada ao corpo, que se torna privilegiado para a formação das identidades. Ter um corpo ideal se torna essencial para se atingir o prazer. Mas o corpo do adolescente é um corpo recém-adquirido, pois ele ainda está fazendo o luto do corpo infantil e se encontra com um futuro incerto. Para a autora, portanto, ao exaltar o prazer das sensações corporais, a sociedade contemporânea muitas vezes convoca os jovens a um uso perigoso do corpo. É possível percebermos que, na adolescência, o corpo é fonte de um intenso sofrimento psíquico. Sendo assim, a autora privilegia a articulação entre a subjetividade e a cultura, sustentando que os aspectos culturais da sociedade contemporânea podem gerar empecilhos ao processo da adolescência.

O uso perigoso do corpo ao qual se refere Savietto (2006) nos faz pensar não somente no suicídio, principal articulação feita em nossa pesquisa, mas também no que hoje é conhecido como *bodymodifications*. Sem o uso de anestésias, mesmo que estejam em jogo amputações, por exemplo, tais práticas podem ser um correlato dos rituais e provas de algumas sociedades primitivas. O que está em jogo aqui, mais do que a preocupação estética, é sentir dor. A dor física aliviaria a dor psíquica. A prática é definida por alguns adeptos como um vício ou uma necessidade, o que nos faz pensar na compulsão a repetição.

Alguns exemplos desta prática, que muitas pessoas tratam como algo natural nos dias de hoje, foram citadas por Rodrigues & Caniato (2014). São eles: um casal que decide amputar parte da orelha um do outro como prova de amor; um irmão gêmeo que amputa um braço para que este seja implantado em seu irmão; sessões de suspensão corporal através da inserção de ganchos no corpo; um praticante que perfura seu crânio com uma broca para a implantação de um *piercing* no cérebro, que lhe proporcionaria um estado de euforia permanente; colocação de *piercings* com a ponta voltada para o lado interno da pele; pessoas que queimam sua pele para aliviar a dor psíquica; até as tatuagens numa tentativa de inscrição simbólica.

As autoras articulam a condição traumatogênica da nossa sociedade com as práticas de *bodymodifications*. Para elas, a sociedade moderna expõe os indivíduos continuamente a vivências violentas e traumáticas, e as *bodymodifications* seriam uma expressão deste contexto. As injunções culturais contemporâneas geram um super-investimento no corpo, culminando em práticas sensório-dolorosas e estéticas, que levam os indivíduos a aderirem a experiências violentas como uma tentativa de ligar a energia pulsional que excede o psiquismo do sujeito: “A ferida funcionaria como um contra-investimento numa tentativa violenta de ligar a energia desligada pelo trauma, na procura de localizar, “nomear”, o excesso dos choques, contudo mantendo-o” (Rodrigues & Caniato, 2014: 109).

As autoras concluem que “os hematomas e cicatrizes autoimpingidos, administrados e construídos pelo próprio indivíduo expressam, talvez, uma frenética e desordenada ânsia de singularização, de consolidar um controle pulsional, de representar a dor psíquica” (2014: 110). A marca corporal seria, portanto, uma tentativa de simbolizar na carne o sofrimento psíquico impedido de elaboração e representação:

Os adeptos das *Bodymodifications* aparecem aqui como um grupo contemporâneo que cultua o confronto com a morte ao desafiar o corpo a experimentar a laceração de seus contornos, a dor lancinante, a exposição da carne e o sangue que escorre: flagram o terror, como em uma fotografia, e o fixam como em uma moldura exposta na sala de estar com a aparente naturalidade de quem convive diariamente com catástrofes e com o pânico generalizado. Nem por isso os adeptos das *Bodymodifications* estão imunes às vivências traumáticas da atualidade, quando em verdade são uma das mais autênticas expressões dessa realidade (Rodrigues & Caniato, 2014: 105).

Para Hirigoyen (2014), os comportamentos perversos e os excessos estão banalizados atualmente e transformaram-se numa nova norma. Tanto é que o excesso das modificações, por exemplo, é valorizado no meio das *bodymodifications*. A sociedade muitas vezes induz aos comportamentos agressivos, e o culto à imagem ganha força.

Segundo Birman (2006), é no corpo que se enuncia de maneira mais evidente o registro do mal-estar contemporâneo. É fácil notar que todos se queixam o tempo todo que o corpo não funciona como deveria. Há sempre uma posição de dívida em relação ao corpo, que passa a ser nosso único bem, o bem

supremo. Atrelado a isso, o autor nos chama a atenção para o registro da compulsão, que diz respeito ao excesso no psiquismo que invade os sujeitos contemporâneos impelindo-os a ação. Quando o excesso não é descarregado no corpo através do estresse, do pânico ou das doenças psicossomáticas, ele é descarregado através de uma ação. A ação seria aqui o único jeito de eliminar o excesso e não ser inundado pela angústia.

Atualmente, tudo se passa como se não fosse possível conter o excesso simbolizando-o e transformando-o em ação específica. É justamente esse mecanismo que falta à compulsão, onde a ação assume um caráter de imperativo, impondo-se ao psiquismo sem que o sujeito possa deliberar sobre o impulso. Há um impasse no registro da temporalidade do psiquismo, que impossibilita a simbolização e a antecipação das afetações. Sendo assim, o excesso que incide no sentimento e no corpo impele o sujeito para a ação, o fazendo passar ao ato (Birman, 2006).

Freud nos ensina em 1930 que a natureza do homem é a seguinte:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, (...) a humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. (...) Via de regra, essa cruel agressividade espera por alguma provocação, ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas. Em circunstâncias que lhe são favoráveis, quando as forças mentais contrárias que normalmente a inibem se encontram fora de ação, ela também se manifesta espontaneamente e revela o homem como uma besta selvagem (...) (1929: 116).

Podemos concluir com Freud que a sociedade é responsável por conter os impulsos agressivos do homem: “A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas” (1929: 117). E é aí que a sociedade atual encontra dificuldades. Nesse sentido, é possível pensarmos na relação entre o contexto social atual e o incremento das passagens ao ato na adolescência, afirmando que o adolescente, já desamparado por estrutura, muitas

vezes não é protegido por nossa sociedade, que o impele ao ato, testando-o em seu limite, deixando-o por sua própria conta.

Considerações finais

A partir da premissa de que a adolescência e a sociedade estão intrinsecamente relacionadas, nos questionamos o que poderia estar ocasionando um alto grau de sofrimento psíquico que incita o jovem à passagem ao ato. No decorrer da pesquisa, o que mais nos chamou atenção foi o intenso sentimento de desamparo demonstrado por alguns adolescentes.

Diante da falência das identificações e dos ideais da infância, muitas vezes o adolescente não encontra no meio social contemporâneo algo que lhe dê contorno e que lhe forneça referências estáveis, abrindo caminho para o recurso da passagem ao ato como uma forma de defesa de caráter narcísico. A passagem ao ato diz respeito a um excesso de energia psíquica que, por não ter sido simbolizada, é descarregada diretamente em ato. Muitos comportamentos disruptivos são formas de passagem ao ato, nas quais o adolescente tenta dar conta no corpo do que simbolicamente lhe escapa. Verificamos que as marcas corporais auto – infringidas, como os cortes, são uma tentativa de inscrição simbólica. É comum ouvirmos nos atendimentos comentários do tipo: “Me corto porque estava angustiada, depois melhora um pouco”, ou “não sei o que me leva a fazer isso, mas depois fico mais calma”.

Surpreendentemente, constatamos que passar dos cortes ao suicídio é um caminho possível para muitos jovens. O suicídio, ato que mais radicalmente nos interroga, é um tema bastante complexo, visto haver pouca bibliografia que se proponha a abordá-lo metapsicologicamente. É quase um tabu tratar do suicídio, principalmente no que diz respeito aos jovens. No entanto, as estatísticas apontam que o suicídio entre estes só vem crescendo ano a ano.

Vimos que para Freud, o suicídio tem a melancolia como referência. É importante ressaltar a premissa feita ainda em 1895, no seu “Rascunho G. Melancolia”, de que a melancolia se caracteriza, sobretudo, por uma falha na representação, remetendo-nos à imagem de buracos psíquicos. Esse impasse imbólico assinalado por Freud como sendo uma das principais marcas da melancolia sustenta a hipótese do suicídio enquanto passagem ao ato, pois esta

última diz respeito justamente a uma incapacidade simbólica, a uma falha na representação.

Em concordância com tal constatação, percebemos que muitos autores contemporâneos, entre eles Ramalho (2001), Alberti (2009), Jordão (2013) e Brunhari & Darriba (2014), tratam a melancolia como uma possível ferramenta para compreender as subjetividades atuais. Isso porque ao invés da riqueza do sujeito neurótico da época de Freud, temos hoje o vazio do sujeito contemporâneo, que favorece a multiplicação de passagens ao ato.

O que ocorre atualmente é que, diante do imperativo de ser feliz, o sujeito sofre com o sentimento constante de insuficiência. Há, por assim dizer, uma injunção de gozo. Ou seja, no lugar da proibição do gozo, que ocorria na época de Freud, percebemos hoje uma obrigatoriedade da sua consecução. Essa outra face do Supereu coloca o adolescente num paradoxo, visto que tudo é permitido, desde que se consiga obter o máximo de prazer possível.

Ora, a adolescência não é justamente esse momento em que o sujeito se depara com importantes perdas, devendo realizar um forte trabalho de luto- luto do corpo infantil, luto dos pais idealizados, luto do amor dos pais, etc.? Em “Luto e Melancolia” (1917[1915]), Freud nos mostra que, ao contrário do luto, a melancolia é uma reação patológica frente à perda, sendo que esta seria de natureza mais ideal na medida em que não se sabe o que foi perdido. Vivendo em uma sociedade narcísica, os jovens podem ter problemas em realizar o trabalho de luto da infância para ingressarem na vida adulta, e podem, muitas vezes, reagir da mesma forma que o melancólico de Freud.

A partir de reportagens divulgadas recentemente na mídia, foi possível reconhecer que os casos de suicídio cometidos por adolescentes após sofrerem *bullying* são bons exemplos de situações onde é vivenciada uma perda de caráter mais ideal. Ao ser violentamente assediado, o jovem perde o controle imaginário que tem de seu corpo, sente-se narcisicamente destituído, sem valor, e assim acredita encontrar no suicídio a única maneira de acabar com o seu sofrimento. É comum que hoje, a falta de referências estáveis e a incerteza deixem o adolescente aprisionado ao olhar do outro- nesse caso o agressor-, que se torna o único capaz de afirmar aquilo que ele, adolescente, é. Em graves situações de assédio, o agressor reduz o agredido a nada, e este pode acabar por se fazer nada através do suicídio.

Não é difícil concluir que a violência dos laços intersubjetivos juntamente com o sentimento irremediável de fracasso - características significativas do nosso tempo - têm relação direta com a forte progressão do suicídio entre os jovens. A sociedade atual obriga o jovem a recriar sua inserção social para além da família sem ajudá-lo nesse processo, deixando-o desamparado. Sendo assim, o remanejamento identificatório necessário ao adolescente é dificultado por uma sociedade instável, com padrões identificatórios enfraquecidos. Os jovens, portanto, devem se constituir, se inventar, sem um modelo a ser seguido.

Sabemos que as questões que nos motivaram à realização da presente pesquisa são bastante complexas e não temos a pretensão de esgotá-las. Pelo contrário, novas questões surgiram para a elaboração de um futuro trabalho: Como distinguir uma encenação histórica de uma passagem ao ato na adolescência? O que dizer da banalização atual da medicação que atinge a todos e esvazia um possível discurso do adolescente? É possível criar programas preventivos que auxiliem escolas e pais a identificarem comportamentos de risco para o suicídio?

Mesmo com tantas perguntas, não podemos nos abster de afirmar que muitas vezes a sociedade atual fracassa em sua tarefa de conter os impulsos dos adolescentes, deixando entrever dificuldades da ordem do simbólico. Fica, portanto, evidente a relação que pretendemos estabelecer entre o contexto social atual e o aumento da incidência de sofrimento psíquico entre os jovens, que utilizam o recurso da passagem ao ato como uma forma de lidar com o forte sentimento de desamparo.

Referências bibliográficas

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/Contra Capa, 2009.

ANZIEU, D. (1989) *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ARAÚJO, L. (2011) *As Representações Sociais dos Estudantes Acerca do Bullying no Contexto Escolar*. Dissertação de mestrado UFPB. Disponível em: http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2233. Acessado em 06 de Maio de 2014.

BAUMAN, Z. (2000) *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BIRMAN, J. O assédio na atualidade e seus jogos de verdade. Em: *Rev. Dep. Psicol., UFF*, Jun 2005, vol.17, no.1, p.29-44

———. Subjetividades Contemporâneas. Em: *Arquivos do Mal-Estar e da Resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p.173-195.

———. (2011A) A exceção como regra sobre a violência na contemporaneidade. Em: *Rev. Epos*, Rio de Janeiro, (não paginado). Disponível em <http://revistaepos.org/?p=323> Acessado 29 Out. 2012.

———. (2011B) Tatuando o desamparo. Em: *Adolescentes*. São Paulo: Editora Escuta, 2011 B, p. 25-44.

———. (2013) *A dor e a performance*. Site do *Estadão*. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-dor-e-a-performance,1074702,0.htm>. Acessado em 06 Nov. 2013.

BRUNHARI, M. V. & DARRIBA, V. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. Em: *Psicol. clin.* [online]. 2014, vol.26, n.1, pp. 197-213. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-5665. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652014000100013>. Acessado em 18 de dezembro de 2014.

CALLIGARIS, C. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2010.

CAPANEMA, C.; VORCARO, A. (2012) Modalidades do ato na particularidade da adolescência. Em: *Rev. Ágora*, Rio de Janeiro, v.15, n.1. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982012000100010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 12 Out. 2013.

CAVALCANTE, F. & MINAYO, M. Organizadores psíquicos e suicídio: retratos de uma autópsia psicossocial. Em: *O Mosaico da Violência*. São Paulo: Vetor, 2004, p. 371-431.

DEMARAY, M. (2013) *Why do some kids cyberbully others?* Disponível em: <http://www.psychologytoday.com/blog/the-wide-wide-world-psychology/201304/why-do-some-kids-cyberbully-others>. Acessado em 08 de maio de 2014.

DOLTO, F. (1988) *A Causa dos Adolescentes*. São Paulo: Editora Idéias e Letras, 2004.

EHRENBERG, A. (1998) *La Fatiga de Ser Uno Mismo: Depresión y Sociedad*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2000.

FREUD, S. (1895) *Rascunho G. Melancolia*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1901) *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 2006

———. (1905) *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1909[1908]) *Romances Familiares*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1910) *Contribuições para uma Discussão Acerca do Suicídio*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1914) *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1917[1915]) *Luto e Melancolia*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1917[1916-17]) *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III)*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1920) *Para Além do Princípio do Prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1921) *Psicologia das Massas e Análise do Ego*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1923) *O Ego e o Id*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

———. (1930[1929]) *O Mal-Estar na Civilização*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARCIA C. & DAMOUS I. O Silêncio no Psiquismo: Uma Manifestação do Trabalho do Negativo Patológico. Em: *Cad. Psicanál.-CPRJ*. Rio de Janeiro, ano 31, n. 22, 2009, p. 105-115.

GASPAR, F.; LORENZUTTI, P. & CARDOSO, M. Trauma e representação: estudo de um caso clínico. Em: *Adolescentes*. São Paulo: Editora Escuta, 2011, p. 147-156.

GRASSI, A. Entrevista com Juan David Nasio. Em: *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*, v. 29, n.32, 2013, p. 135-153.

GREEN, A. (1966/1967). Narcisismo Primário: Estrutura ou Estado. Em: *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Ed. Escuta, 1988.

———. (1969). O Narcisismo Moral. Em: *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Ed. Escuta, 1988.

———. (1976). Um, Outro, Neutro: Valores Narcisistas do Mesmo. Em: *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Ed. Escuta, 1988.

———. (1982). Prefácio, O Narcisismo e a Psicanálise: Ontem e Hoje. Em: *Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte*. São Paulo: Ed. Escuta, 1988.

HASSOUN, J. (1995) *A Crueldade Melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HIRIGOYEN, M. *Abuso de fraquezas e outras manipulações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 89.

JORDÃO, A. Da perversão e da melancolia de todos nós neuróticos atuais. Em: *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*, v. 29, n.32, 2013, p. 97-115.

KHEL, M. *O Tempo e o Cão: A Atualidade das Depressões*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

LACAN, J. (1949). O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. (1963). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAMBOTTE, M.C. *O Discurso Melancólico*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

MALUCELLI, D. Suicídio na Adolescência. Em: *O Adolescente e a Modernidade*. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Tomo I. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999, p. 215- 223.

MANFRONI, A. (2011) *O Adolescente: Entre a Violência e a Palavra*. Disponível no site do Tempo Freudiano Associação Psicanalítica. <http://www.tempofreudiano.com.br/artigos/detalhe.asp?cod=23>. Acessado em 15 de janeiro de 2014.

MELMAN, C. Adolescência e Drogas. Em: *O Adolescente e a Modernidade*. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Tomo I. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999A, p. 11- 23.

_____. Entrevista com o Psicanalista Francês Charles Melman. Em: *O Adolescente e a Modernidade*. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Tomo III. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999B p. 68- 71.

_____. *Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

NAZAR, M. Tempos Modernos. Em: *O Adolescente e a Modernidade*. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Tomo I. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999, p. 36-61.

PADRÃO, C.; MAYERHOFFER, E.; SILVA, P. & CARDOSO, M. Trauma e violência pulsional: a adolescência como situação limite. Em: *Adolescentes*. São Paulo: Editora Escuta, 2011, p. 135-146.

PALMEIRA, C.; MAYERHOFFER, E.; MARIZ, N. & CARDOSO, M. Desamparo e melancolia na adolescência contemporânea. Em: *Adolescentes*. São Paulo: Editora Escuta, 2011, p. 157-168.

RAMALHO, R. (2001) A vida por um fio. Em: *Os nomes da tristeza*. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n.21, p. 17-27. Porto Alegre. Disponível em <http://www.appoa.com.br/uploads/arquivos/revistas/revista21.pdf> Acessado em 05 de Nov. de 2014.

RODRIGUES, A. & CANIATO, A. (2014) Rupturas, experiências de choque e o elogio à crua e nua realidade: prenúncios do trauma no fenômeno das Bodymodifications. Em: *Tempo Psicanalítico*. [online]. vol.46, n.1 p. 98-113. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000100008&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0101-4838. Acessado em 19 de Outubro de 2014.

RODRIGUEZ, C. & KOVÁCS, M. (2005) O que os jovens têm a dizer sobre as altas taxas de mortalidade na adolescência? Em: *Imaginário* v.11 n.11 São Paulo. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413666X2005000200006&script=sci_arttext. Acessado em 22 de Novembro de 2013.

ROSA, M. *Histórias que não se contam: o não dito na psicanálise com crianças e adolescentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ROUDINESCO, E. (1999). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

SAGGESE, E. Adolescência e Modernidade. Em: *O Adolescente e a Modernidade*. Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. Tomo III. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999 A, p. 253- 259.

———. Uma Cortina de Fumaça para a Felicidade: Melhor Impossível. Em: *Revista Psicanálise e Universidade- número 11*. São Paulo: Editora PUC, 1999 B, p. 43-52.

———. *Adolescência e Psicose- transformações sociais e os desafios da clínica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

———. O Terror Distorcido. Em: *Revista de Psicologia/Universidade Veiga de Almeida*. Vol. I, Rio de Janeiro, 2002, p. 49-53.

———. A Maldição e o Bem-Dizer. Em: *Revista Marraio*. n. 10: Desenvolvimento, Estrutura e Gozo III. Rio de Janeiro: Formações Clínicas do Campo Lacaniano, 2005, p. 37-46.

——— & SILVA J. Realengo. Em: *Anais do II Congresso Internacional de Psicanálise: a criança e o adolescente no século XXI*. Salvador, 2011.

SAVIETTO, B. *Adolescência: ato e atualidade*. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2006.

SILVA, P.S. A violência do bullying; algumas consequências na subjetividade do adolescente. Em: *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ*. Rio de Janeiro: A Sociedade, v.27, n.30, 2011, p. 287-302.

SIMONSEN, M.E.; LEVY, L.; WINOGRAD, M. Suicídio e assédio: duas vertentes de uma história contemporânea. Em: *Cadernos de Psicanálise/SPCRJ*. Rio de Janeiro: A Sociedade, v.30, n.33, 2014, p. 215-231.

SLEGLOVA V.; CERNA A. (2011) Cyberbullying in Adolescent Victims: Perception and Coping. Disponível em: <http://www.cyberpsychology.eu/view.php?cisloclanku=2011121901...4> Acessado em 07 de Maio de 2014.

URRIBARRI. F. André Green: Paixão Clínica, Pensamento Complexo. Em direção ao futuro da psicanálise. Em: *Contemporânea, Psicanálise e*

Transdisciplinaridade. Porto Alegre, 2010. Disponível em:
www.revistacontemporanea.org.br.

VENTURI, C.; BARBOSA, M. & PINHEIRO, T. Vergonha e adolescência. Em:
Adolescentes. São Paulo: Editora Escuta, 2011, p. 109-122.